

Alarcon

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROFESSOR DA PRÁTICA DE ENSINO: ALARCON AGRA DO Ó
ORIENTADOR DO RELATÓRIO: BENJAMIM MONTENEGRO
ALUNA: GISLAINY ALENCAR MEDEIROS

Campina Grande, Maio de 2002.

Índice

Considerações Iniciais	02
Capítulo I: As experiências em sala de aula	03
1. A quinta Série: O uso da sensibilidade para uma nova proposta pedagógica.	04
2. O primeiro ano: discutindo o passado para pensar situações presentes.....	11
Capítulo II: Sala de aula: Que espaço é esse?	19
1. A quinta série: Espaço da indisciplina, onde o poder e a norma são burlados. Mas não só isso.....	22
2. O primeiro ano: Espaço da disciplina e da norma. Mas não só isso.....	25
Considerações Finais	28
Bibliografia	29

Anexos

*"We don't need in education
we don't need no thought control,
no dark sarcasm in the classrom,
Hei, teach, leave us kides alone,
All in all it's just,
Anolthen brick in the wall".*

*Pink Floyd – the wall
(filme e disco)*

(Tradução)

*Nós não precisamos de educação,
nós não precisamos de controle mental,
sem sarcasmos nas salas de aulas,
Ei, professor, deixe-nos garotos a sós,
afinal isto é apenas
mais um tijolo no muro.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao entrarmos no curso de História, nos deparamos com um outro mundo, um novo ambiente repleto de novidades prontas para serem experimentadas e vividas. Um mundo onde o espaço para os questionamentos, os debates, pesquisas e leituras está sempre aberto, proporcionando ao aluno seu crescimento seja enquanto pessoa, seja intelectualmente falando. Assim é que as monitorias e os projetos de pesquisa surgem como oportunidades para esse crescimento, esse amadurecimento.

As experiências como monitoria e como bolsista do CNPq fizeram com que meu interesse pela História e pelo ensino de História fosse se ampliando, pois devo confessar que a minha entrada no curso de História foi algo inicialmente indesejado, a minha meta inicial era ingressar no curso de Direito. E isso é o que acontece com muitos alunos de História, esse curso vem sempre como segunda opção, caso não consiga a média exigida no vestibular para passar em Direito. Contudo, a cada dia que se passava na Universidade, a cada aula nova, a cada disciplina e a oportunidade da monitoria e do projeto de pesquisa fizeram com que eu me apaixonasse por esse campo tão vasto e intrigante que a História e que me decidisse por ser uma historiadora, tirando essa idéia fixa de Direito da cabeça.

A experiência como monitora me fez perceber quanto o relacionamento entre as pessoas na sala de aula é conflituoso. Aprendi que devemos ter a sensibilidade para perceber e captar os anseios, desejos, dúvidas e os medos dos alunos, pois muitos só conseguem aprender dependendo dessa sensibilidade. A relação monitora/alunos foi uma relação de conflitos e de momentos prazerosos, onde a sensibilidade ocupou um papel fundamental me fazendo crescer enquanto pessoa e enquanto historiadora.

Na prática de Ensino na Escola E.E.E. Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silva Vieira, a sensibilidade também ocupou papel fundamental, foi através dela que consegui perceber certos anseios, desejos, dúvidas e medos, e reverter situações que pareciam impossíveis de serem resolvidas. A partir dessa experiência, minha meta será sempre esta, perceber a sala de aula através do sensível, como um espaço humano, que contém múltiplas experiências e vivências concretas...cotidianas, para a partir daí elaborar uma aula de História que leve em consideração as trajetórias culturais, as maneiras de falar e de se comportar dos alunos...enfim. Como estes lêem o mundo.

CAPÍTULO I: AS EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA.

1 – A caminho do Estágio

O estágio supervisionado no final do curso de História visa preparar o aluno para enfrentar sua profissão futura: o magistério no ensino médio e fundamental. Este é o momento em que o aluno deverá pôr em prática tudo o que foi aprendido durante todo o curso de História. Dessa forma, o primeiro passo para se iniciar o estágio é a escolha na qual o aluno irá estagiar. Esta escolha está permeada por vários fatores; impostos pelo próprio estagiário:

1. Deve ser uma escola perto de casa , ou como foi no meu caso, perto da Universidade;
2. Uma escola onde trabalhe algum conhecido, para que este sirva como Intermediário nas negociações;
3. Uma escola pública, pois aí os diálogos e as negociações parecem fluir melhor.

Três requisitos que foram decisivos na minha escolha pela Escola E.E.E. Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira. Escolhida a escola deveríamos fazer a primeira visita.

Assim, a primeira visita à escola foi marcada pelo nervosismo e ansiedade, uma etapa que para mim foi a mais difícil, pois não sabia como chegar, com quem

chegar, com quem falar e como falar. O principal receio era como nós estagiários iríamos ser recebidos, pois apesar de saber que a diretora da escola era mãe de um colega do curso, nós não a conhecíamos pessoalmente, nem nunca havíamos conversado com ela. Por esse motivo foi se formando em minha cabeça um emaranhado de interrogações: Será que nos dariam atenção? Será que disponibilizariam algumas turmas para estagiarmos?

O caminho da Universidade até a Escola me pareceu longo e interminável; devido a todas essas dúvidas, estava nervosa, com medo e preocupada, esta situação para mim era nova e estranha, pois ao contrário de muitos colegas do curso nunca havia lecionado em escola alguma. O medo maior era: como me portar diante da diretora. Chegando à escola – os passos do carro até o portão e do portão à sala da diretora, minhas mãos ficavam mais frias e suadas, revelando toda aflição pela qual estava passando.

Contudo, quando entramos na sala da diretora e começamos a conversar, quando vi que ali estava uma pessoa disposta a nos ajudar, fui me acalmando e então comecei a me sentir à vontade. A visita foi bastante proveitosa, nesse mesmo dia a diretora nos passou os horários das aulas de História, o nome de todas as professoras e se prontificou a nos ajudar no que fosse possível.

A próxima etapa era falar com as professoras. Nessa fase eu já estava bastante calma e as professoras demonstraram respeito e receptividade nessa nossa experiência, se prontificando a nos ajudar imediatamente. Assim, escolhemos as turmas de acordo com os horários disponíveis para nós e escutamos suas experiências com cada turma, um ponto de grande importância para nossas aulas.

A professora da 5ª série ressaltou o caráter indisciplinado da turma, e descreveu as crianças como: “crianças agitadas”; “indisciplinadas” e “desinteressadas”. Já a professora do 1º ano ressaltou o caráter passivo da turma, e os descreveu como “pessoas disciplinadas” e “interessadas”. Ansiosa e com medo, passei para a próxima etapa e a mais complicada: entrar nas turmas e tentar aplicar um pouco do que aprendi durante o curso de História.

2 – A quinta série: O uso da sensibilidade para uma nova proposta pedagógica.

De início, a professora da 5ª série foi logo me dizendo que eu deveria seguir o livro didático, e começar exatamente de onde ela havia parado. A professora havia discutido os três primeiros capítulos intitulados respectivamente: "Em Busca do Passado"; "A Origem da Humanidade"; e "As Primeiras Histórias", ficando dessa forma, o quarto e o quinto capítulo à minha primeira aula, tendo como títulos respectivamente: "Os Primeiros Habitantes da América" e "Agricultura, Vilas e Cidades".

Ao ler o primeiro capítulo pude perceber que aula poderia caminhar para um principal eixo: discutir com os alunos as prováveis rotas de migração dos primeiros seres humanos nas Américas, ressaltando as divergências entre os arqueólogos a respeito das possíveis datas de chegada desses homens ao continente americano.

Planejando esse eixo, parti para os objetivos mais específicos:

1. Trabalhar as descobertas arqueológicas no Brasil, enfatizando o sítio arqueológico de São Raimundo Nonato e a Caverna da Pedra Pintada.
2. Mostrar como as representações e os objetos que são encontrados nos sítios arqueológicos tais como: pinturas, sinais geométricos, objetos de cerâmica, fósseis de plantas e fragmentos de fogueiras possibilitam formar uma idéia sobre o modo de vida de grupos que viveram em determinadas regiões.

O segundo capítulo: "Agricultura, Vilas e Cidades", era a continuação do capítulo anterior. Aqui a aula também podia caminhar para um eixo principal: mostrar e discutir com os alunos as causas e/ou conseqüências que levaram os povos primitivos a passar de nômades à condição de sedentários.

Planejado o eixo, parti para os objetivos mais específicos:

1. Mostrar para os alunos como o desenvolvimento da agricultura foi um passo decisivo para o domínio da natureza e para o processo de sedentarização dos grupos humanos.
2. Mostrar o processo de sedentarização como causador de uma revolução no modo de vida da humanidade, onde um dos acontecimentos mais importante relacionado a isso foi o desenvolvimento das vilas e cidades.
3. Discutir a importância dos rios na formação das cidades e vilas.

Com esses objetivos tentei elaborar uma aula que se baseasse na interatividade entre alunos e estagiária e que insuflasse a discussão e aguçasse a curiosidade, mostrando para os alunos como através do estudo do passado podemos pensar questões do presente como: moradia; o problema das secas e a necessidade de se morar perto de açudes e rios, o desenvolvimento da agricultura, onde o cultivo trouxe a possibilidade de produzir alimentos em grande quantidade. O que provocou muitas transformações, dentre elas o aumento da população humana; a fome, pois apesar do desenvolvimento da agricultura ter permitido uma melhoria na qualidade de vida, atualmente muitas pessoas morrem de fome por causa da ganância de alguns. Para isso, elaborei um roteiro (c.f. anexo) e preparei umas transparências (c.f. anexo), pois a escola possuía retroprojeter. Estava tudo pronto, tinha planejado uma aula para haver troca de conhecimento entre os alunos e entre os alunos e a estagiária.

A professora fez questão de assistir a minha aula e também fazer a apresentação da nova estagiária. Ao entrar na sala percebi logo o que eu iria enfrentar: os alunos estavam todos agitados, gritando e correndo dentro da sala. A chegada da professora e eu chamou a atenção apenas de alguns, foi preciso que a professora gritasse silêncio umas três vezes para que eles olhassem para nós, e só olhassem, pois continuavam em pé. Quando coloquei o retroprojeter em cima da mesa, todos se aproximaram de uma só vez, formando um amontoado de gente ao redor desse aparelho, com olhares de estranhamento e desconfiança, pois nunca tinham visto um aparelho daquele antes. Daí começaram-se as perguntas: O que é isso? Para que serve? É uma televisão? Nós vamos assistir

filme hoje? As perguntas não cessavam e enquanto isso eu e a professora tentávamos afastá-los do aparelho para tentarmos organizá-lo. Depois de tudo pronto, poderíamos iniciar a aula. A professora gritou silêncio novamente e novamente só alguns atenderam. Mesmo entre tanto barulho ela me apresentou dizendo para eles que era a nova professora e que me chamava Gislainy – ela não me apresentou como estagiária porque segundo ela, eles não iriam me respeitar, iriam dizer que estagiária não sabe de nada – e que iria ficar com eles durante um certo período e que tudo que eu dissesse ou fizesse era para ser obedecido e respeitado, ou seja, ela me incumbiu de toda autoridade possível dentro da sala de aula. Depois da apresentação tumultuada começaram as perguntas: Qual o seu nome? Você vai ser nossa nova professora? Por quanto tempo? E você – referindo-se à professora – não vai ser mais nossa professora? Em meio a todo esse tumulto, dei início à aula, porém as conversas brigas e brincadeiras continuava...por diversas vezes pedi silêncio, mas era em vão; vendo que não iria adiantar, resolvi então começar a aula. O primeiro passo foi expor no quadro o roteiro que havia preparado, pedi que todos abrissem seus livros na página 32 – apenas alguns atenderam – e então comecei a aula no meio da confusão: Percebendo que alguns alunos estavam interessados na aula, comecei a expor o assunto sempre me direcionando a eles. Foram 90 minutos de angústia tristeza, frustração... a aula parecia não ter mais fim, quando saí da sala estava rouca e com dor de cabeça. Triste e angustiada comentei com a professora: “ – passei uma semana preparando essa aula, e a sensação que tenho, é que todo o meu trabalho foi em vão”.

A partir daí comecei a procurar os problemas, para saber onde eu tinha errado e/ou o que estava faltando:

1. Pensei que o problema estava nos livros didáticos e/ou alunos: O nível dos livros é muito alto para esses alunos e portanto eles não conseguem acompanhá-lo, o que faz com que a aula se torne desinteressante.

2. Pensei que o problema estaria na professora: por ela não ter controle dentro da sala, faz com que os alunos não respeitem nem a ela, nem a mais ninguém.
3. Pensei que o problema poderia estar em mim: por não ter maturidade em sala de aula, não consegui controlar a turma.

Fui do colégio à Universidade pensando nessa situação e o que fazer para tentar resolvê-la; pensei até em tomar uma medida extrema; chamar a diretora para que na próxima aula ela impusesse o controle. Porém fui aconselhada pela professora a não fazer isso, pois eu perderia totalmente o respeito dos alunos e conseqüentemente alguma autoridade que eu pudesse vir a ter em sala, pois segundo a professora, a presença da diretora faz com que os alunos percebam sua fraqueza, sua falta de autoridade.

O que fazer para reverter esse quadro tão complicado? Eu tinha que pensar e pensar rápido em uma nova estratégia pedagógica para a 5ª série, pois a próxima aula seria na sexta feira e já estávamos na segunda feira. Fui para casa e fiquei pensando naquela aula e naquela sala, naquelas crianças mal vestidas, alguns sujos e mal cheirosos, a minha sensibilidade foi logo se aguçando e me pus no lugar deles e comecei a pensar: o que gostaria de fazer na sala de aula? Gostaria de quebrar com toda essa seriedade que a sala de aula impõe e brincar, brincar com a imaginação, e para brincar com a imaginação nada melhor do que a pintura. Era isso, a pintura seria a atividade na qual eu iria conseguir fazer com que os alunos transferissem toda aquela adrenalina para o aprendizado. Eu iria fazer com que eles estudassem se divertindo, tornando assim a aula de História prazerosa. A partir daí comecei a colocar minha estratégia em prática. Peguei várias cartolinas de cores variadas (fiz isso de propósito já para chamar a atenção deles com as cores) recortei-as em quatro e em cada uma delas coloquei cinco questões (c.f. anexo), sendo que uma delas pedia para que os alunos usassem a criatividade e desenhassem. Para cada aluno coloquei questões diferentes, e o mais importante foi que todas as questões se referiam à aula anterior – àquela aula pouco proveitosa. Esta foi a maneira que encontrei de recapitular o assunto tornando-o agradável.

O segundo passo era aplicar a atividade e pedir a Deus para que desse certo. Chegando na sala todos viram as cartolinas e ficaram logo eufóricos, pedindo cada um a sua. Distribuí os trabalhos e todos, mas todos mesmo começaram a fazer a atividade, a questionarem, fazerem perguntas, cessando assim as conversas e as brigas dentro da sala. Após terminarem a atividade e como restava mais uma aula, pensei em fazer um exercício oral, acrescentando à resposta certa mais um ponto. Pela ordem de entrega dos trabalhos fui chamando de um a um e fazendo uma pergunta que estava no trabalho que eles tinham acabado de responder, todos ficaram concentradíssimos esperando a sua vez, e todos conseguiram responder, claro que alguns só conseguiram responder com a ajuda dos colegas, mas o propósito da aula era esse, ver a solidariedade e a interatividade entre eles, era transferir toda aquela adrenalina que estava sendo desperdiçada em brigas e fofocas para as aulas de História. E funcionou, funcionou muito bem, saí da sala de "alma lavada" orgulhosa de mim e deles. Uma experiência que me fez perceber que:

1. Esses alunos são bastante inteligentes, e que conseguem acompanhar e compreender perfeitamente o livro didático;
2. A professora não tem o respeito da turma e não consegue lecionar uma aula de História prazerosa, porque não utiliza propostas pedagógicas novas;
3. Não é preciso ter maturidade em sala de aula para conseguir tornar a aula prazerosa, interessante, é preciso sim usar a sensibilidade para captar os desejos, anseios e medos desses alunos, ter idéias novas fazendo com que eles estudem e se divirtam ao mesmo tempo. Foi o que aconteceu, consegui reverter uma situação que parecia sem solução.

A partir daí, as duas últimas aulas já fluíram melhor, meu relacionamento com os alunos já detinha um caráter de respeito e amizade.

O próximo capítulo para as duas últimas aulas intitulava-se: "Mesopotâmia: Terra entre Rios". Ao ler o capítulo veio logo a preocupação: como tornar esse assunto que à primeira vista é "chato" e enfadonho, interessante e divertido. A primeira idéia foi não trabalhar detalhadamente os povos que habitavam aquela

região exatamente como o livro colocava. Percebi então que a aula poderia caminhar para um eixo principal: Buscar e discutir, dentre todas as diferenças, os possíveis pontos em comum entre eles, no que se refere à organização social, à religião e à economia.

Planejado o eixo, parti para os objetivos específicos:

- 1 Localização – Mostrar que na antiguidade a dependência dos seres humanos em relação à natureza era determinante. Dominar áreas férteis e repletas de possibilidades comerciais era, acima de tudo, uma questão de sobrevivência. A Mesopotâmia se localizava entre os rios Tigre e o Eufrates e por isso, era disputada por inúmeros povos.
- 2 Povoamento – Citar os vários povos que ocuparam essa região.
- 3 Organização Social – Mostrar as diferenças entre as camadas sociais, enfatizando a importância de cada uma delas para a sociedade.
- 4 Religião – mostrar que na sociedade mesopotâmica, religião, política e economia estavam intimamente ligadas. Explicar o que seria politeísmo e a diferença entre seus deuses e o nosso.
- 5 Economia – Discutir o porquê de a principal atividade econômica na mesopotâmia ser a agricultura e o comércio.

Com esses objetivos elaborei uma aula que resgatasse questões vividas no passado e que são percebidas no presente: Como a seca, e a necessidade dos rios e açudes para a sobrevivência do homem. Para isso elaborei um roteiro (c.f. anexo); que foi exposto no quadro, e utilizei um mapa da Universidade.

A aula foi de maneira geral bastante proveitosa e satisfatória, houve a interatividade entre os alunos e a estagiária e muitas discussões a respeito da religião, da situação do camponês e da importância dos rios para as sociedades.

Tocou o sinal, terminava assim o estágio na 5ª série segundo os eixos e objetivos propostos. Apaguei o quadro, recolhi o mapa, dei tchau para todos eles e sai com o coração apertado, triste por não ter terminado um trabalho que para mim estava sendo gratificante. Tinha tantas idéias e tive que guardá-las pois a Prática de Ensino só nos dá seis aulas, e esse é um prazo muito curto para se

aplicar novas idéias, o trabalho fica apenas no começo. Senti saudades daquelas crianças.

2. Primeiro Ano: Discutindo o passado para pensar situações presentes.

Diferentemente da 5ª Série a turma do primeiro ano assistia às aulas de História a partir de uma bibliografia pesquisada pela professora, onde ela colocava os textos na xerox do colégio para que os alunos tivessem acesso a eles. Assim, quando conversei com a professora ela me disse apenas o assunto a ser ministrado, e só.

A partir daí, parti então para a pesquisa, consegui vários livros e xeroquei todos os textos sobre o Egito Antigo, pois este era o assunto da minha primeira aula. À medida em que eu ia lendo os textos, iam surgindo vários problemas, pois na maioria deles, a História do Egito era apenas narrada, não havendo, portanto, nenhuma problematização, ficando assim a narrativa pela narrativa. Então pensei: E agora, o que fazer para que a aula sobre o Egito não se torne enfadonha e desinteressante, e que eu não fique apenas narrando o que aconteceu com eles? Continuei pesquisando e comecei a encontrar textos ótimos, eram orações, poemas que retratavam a importância do rio Nilo para os egípcios, que discutiam o papel da mulher egípcia; a situação do camponês egípcio; a importância do Faraó para a sociedade egípcia; e a influência e/ou importância da religião para os antigos egípcios. A partir daí comecei a pensar numa aula que ressaltasse outros aspectos da sociedade egípcia, que levantasse novas propostas, questões e problemas, enfim, uma aula que discutisse o passado pensando em situações presentes. Procurei então elaborar um eixo que mesmo abordando toda a História do Egito, período por período – pois essa era uma exigência da professora –, enfatizasse o papel da mulher na sociedade egípcia, onde procurei buscar as diferenças e/ou pontos em comum entre essa mulher e a mulher de hoje; a situação do camponês egípcio buscando os pontos em comum e/ou diferenças entre eles e os trabalhadores assalariados de hoje; O papel do Faraó e o poder

que ele detinha naquela sociedade e a partir daí discutir um pouco sobre o poder dos nossos governantes e o que eles representam para nós; a importância do rio Nilo para os egípcios, pensando e discutindo sobre a importância da água, dos rios e açudes atualmente e principalmente na região Nordeste; a importância da religião para os egípcios buscando discutir a importância e/ou influência que a religião exerce hoje na vida de cada um de nós.

O primeiro objetivo específico foi: mostrar a localização do Egito e a importância do rio Nilo para a sobrevivência dos egípcios. Assim, mostrei para os alunos através de mapas (c.f. anexo) que distribuí entre eles, e de um mapa da Universidade que expus no quadro, que a sociedade egípcia desenvolveu-se no nordeste da África ao longo de uma extensa planície banhada pelo rio Nilo. O rio Nilo fornecia para os egípcios água para beber e boas condições para a lavoura, além de peixes e aves usados na alimentação. A sobrevivência da população estava, em grande parte relacionada à água e a fertilidade do rio Nilo. Mas para aproveitar esses recursos os egípcios construíram sofisticados canais de irrigação e drenagem.

A partir dessa explanação sobre a importância do rio Nilo para os egípcios, discutimos a importância da água, rios e açudes atualmente, e principalmente, na região nordeste.

O segundo objetivo específico foi: discutir sobre a importância do Faraó na sociedade egípcia, para a partir daí falarmos um pouco sobre o poder dos nossos governantes e o que eles representam para nós. No Egito Antigo o faraó era a principal figura. Ele era considerado um deus vivo, filho de deuses e intermediário entre eles e a população. Em sua honra, realizavam-se inúmeros cultos. Tinha autoridade sobre a sociedade e concentrava o poder político e o poder espiritual.

O terceiro objetivo específico: Discutir a forma como estava organizada a sociedade egípcia dando ênfase ao papel do camponês e da mulher nessa sociedade.

O camponês formava a grande maioria da população, trabalhavam nas propriedades do faraó e dos sacerdotes, tinham como direito conservar para si apenas uma parte dos produtos colhidos, o necessário para sua sobrevivência.

Além disso, trabalhavam na construção de diques e canais de irrigação. Na época das enchentes do Nilo eram deslocados para trabalhar nos palácios, túmulos e templos. Os camponeses tinham uma vida miserável. Já a mulher, se esta fosse rainha ou membro da família real, dispunha de bastante conforto, porém, seu papel político diante da sociedade era bastante restrito. As mulheres de camponeses tinham uma vida voltada para os afazeres domésticos, ocupadas em trabalhos servis, fazendo pão e cerveja, fiando ou tecendo para os mais ricos. As mulheres estavam sempre ausentes dos trabalhos de maior destaque. As mulheres não tinham quaisquer título importante, à exceção de alguns membros da família real e das rainhas. O título que detinham em geral era o de senhora da casa. Quase todas eram analfabetas.

Depois de termos discutido o papel da mulher e do camponês na sociedade egípcia, buscaremos as diferenças e os pontos em comum entre a mulher de hoje, e o trabalhador assalariado no Brasil.

O quarto objetivo específico foi: discutir com os alunos sobre a importância e a influência da religião na sociedade egípcia, para a partir daí discutirmos sobre a influência e importância que a religião exerce na vida de cada um de nós.

A religião desempenhava papel importante na sociedade egípcia: todos os aspectos da vida de um egípcio eram regulados por normas religiosas. Os antigos egípcios acreditavam numa vida após a morte, e no retorno do espírito ao corpo, essa era uma questão tão importante que economizavam durante toda existência para garantir uma vida melhor após a morte. A riqueza dos túmulos dependia da posição social do indivíduo e para o interior desses túmulos os egípcios levavam seus objetos mais preciosos e pintavam cenas cotidianas, acreditando que assim garantiriam o conforto após a morte.

Com esses objetivos elaborei uma aula que ressaltasse aspectos da sociedade egípcia que geralmente são omitidos pelos livros didáticos, como: a mulher, o camponês, e que levantasse novas propostas, questões e problemas, como a questão da seca no Nordeste e a importância dos rios e açudes para a sobrevivência das sociedades e a questão da religião, qual a influência que esta exerce na vida dos indivíduos. Para isso elaborei um roteiro (c.f. anexo) que expus

no quadro, distribui mapas (c.f. anexo) e levei um mapa maior expondo no quadro. Estava tudo pronto, tinha planejado uma aula para que houvesse interatividade entre alunos e estagiários e que insuflasse a discussão e aguçasse a curiosidade.

A professora fez questão de assistir a primeira aula e fazer a apresentação da nova estagiária. Ao entrar na sala percebi que os alunos eram e/ou estavam realmente como a professora havia descrito: "pessoas disciplinadas". Quando ela – a professora – me apresentou – e me apresentou como estagiária e não como professora, como aconteceu na 5ª.Série –, todos estavam em silêncio olhando atentamente para mim. Pareciam soldados, todos enfileirados, em suas posições corretas, com seus olhares disciplinados e atentos, esperando apenas que eu iniciasse a aula. Aqueles olhares fixados diretamente em mim me causaram pânico, porém, respeitei fundo e dei início à aula: Distribui os mapas, fixei o mapa maior na parede e então comecei a expor o roteiro no quadro e à medida que ia escrevendo ia explicando ponto por ponto detalhadamente. Depois de alguns minutos o gelo entre alunos e estagiários foi quebrando e foram surgindo os questionamentos, sobre o Faraó, a religião, os deuses egípcios e o processo de mumificação. As meninas se interessam particularmente pelo papel da mulher na sociedade egípcia. Dessa forma, a aula correu num clima de interatividade bastante satisfatório, onde os questionamentos foram variados, e a curiosidade aguçada.

Terminei a aula bastante satisfeita, vendo que realmente tinha valido à pena ter gasto todo o domingo preparando aula.

A idéia da terceira aula foi preparar uma atividade onde os alunos materializassem em forma de texto o que havíamos discutido nas aulas sobre o Egito, xeroquei um material bastante rico, eram textos, poemas e orações que retratavam vários aspectos da sociedade egípcia. Havia textos sobre a mulher e sobre a religião egípcia; oração ao Nilo; poemas que descreviam o papel do faraó e a situação do camponês egípcio. Este material foi distribuído entre os alunos, para que cada um fizesse sua atividade referente ao texto que pegasse. Vejamos como foi esse trabalho:

1. Religião – para os alunos que ficaram com o texto sobre a religião egípcia eu fiz a seguinte pergunta: existe vida após a morte? Para os egípcios, essa questão era tão importante que economizavam durante toda existência para garantir uma vida melhor após a morte. Na Mesopotâmia, acreditava-se que os mortos habitavam em lugar terrível. O que você pensa sobre esse assunto? Escreva um texto dando sua opinião. (c. f. anexo)
2. O herói invencível – este é um poema que retrata as qualidades de um Faraó. Foi escrito durante o Médio Império (2100-1580 a.c.) para homenagear e glorificar o Faraó Amenemhat I. Os alunos que ficaram com este material deveriam responder a seguinte pergunta: A partir do poema, escreva um texto comentando as qualidades de um Faraó mostradas pelo poema. Não deixe de falar sobre a importância do Faraó na sociedade egípcia. (c. f. anexo).
3. As mulheres na sociedade egípcia – este texto um pouco sobre a vida das mulheres egípcias. Para os alunos que ficaram com esse material eu fiz as seguintes perguntas:
 - Pode-se afirmar que os homens tinham privilégios na sociedade egípcia? Justifique sua resposta.
 - A partir do texto, compare o papel da mulher ao do homem na sociedade egípcia.
 - No que diz respeito às mulheres, existe muitas diferenças entre a nossa sociedade e a do Egito Antigo. Levando isso em consideração, compare o papel das mulheres em nossa sociedade com as das egípcias de antigamente. (c. f. anexo)
4. Conselhos de um pai – Este é um texto literário escrito entre 2170 e 1750 a.c., e que relata os conselhos de Duaf-Kethy ao filho durante uma viagem, na de convencê-lo a frequentar a escola de escribas. Os alunos que ficaram com esse texto deveriam responder a seguinte pergunta: A partir da leitura do texto, descreva como era a vida do camponês no Antigo Egito. Depois disso, mostre como estava organizada a sociedade. (c. f. anexo)

5. Oração ao Nilo – Os alunos que ficaram com esta oração deveriam responder a seguinte pergunta: Para o agricultor egípcio, conhecer o ritmo das enchentes do Nilo era fundamental. Para acompanhar as intensidades das enchentes, os egípcios construíram sofisticados canais de irrigação.

Nesse sentido, a partir da oração transcrita acima, escreva um pequeno texto sobre a importância do rio Nilo para os egípcios (c. f. anexo)

Chegando na sala, entreguei os trabalhos, expliquei como deveriam ser feitos e todos começaram a responder. Quando tocou o sinal, fiquei espantada, foi então que a professora me explicou que a última aula é apenas quinze minutos e perguntou se eu não me incomodaria se os alunos entregassem a atividade na próxima aula, respondi que não e fomos todos embora.

Nas quarta e quinta aula, a professora falou que o assunto a ser trabalhado seria a mesopotâmia. A partir daí comecei a pensar numa aula que não se tornasse cansativa e desinteressante, pois eu teria que trabalhar os principais povos que ocuparam a Mesopotâmia, detalhadamente. E o que fazer para que eu não ficasse apenas narrando o que aconteceu com esses povos? Que metodologia utilizar? Que eixo seguir? Comecei a pesquisar, e à medida em que fui lendo os textos fui percebendo que a aula poderia caminhar para um eixo principal, pois numa época em que a dependência dos seres humanos em relação à natureza era determinante, dominar áreas férteis e repletas de possibilidades comerciais era, acima de tudo, uma questão de sobrevivência, e esse era o principal motivo dessa região ter sido ocupada por uma série de povos, que se encontraram e se misturaram, empreendendo guerras e dominando uns aos outros formando o que denominamos de povos mesopotâmicos: Sumérios, babilônios, hititas, assírios e caldeus. Este era, portanto, o eixo da minha aula: trabalhar todos esses povos discutindo a importância da localização da mesopotâmia, para sua sobrevivência, e por isso as frequentes guerras e ocupações, e enfatizar os pontos em comum entre eles, no que se refere à organização social, à religião e à economia.

O primeiro objetivo específico foi mostrar a localização da Mesopotâmia e discutir com os alunos a importância dessa estreita faixa de terras compreendida entre os rios Tigre e Eufrates para a sobrevivência desses povos. Mas o que fazia essa terra entre rios ser tão disputada? Que qualidades possuía para atrair tantos povos? Como já disse antes, numa época em que a dependência dos seres humanos em relação à natureza era determinante, dominar áreas férteis e repleta de possibilidades comerciais, era, acima de tudo, uma questão de sobrevivência.

O segundo objetivo específico foi mostrar para os alunos que na Mesopotâmia havia um entrelaçamento entre política e religião onde os reis exerciam as funções de sumo sacerdote, supremo juiz e comandante militar. Eram considerados representantes dos deuses na terra, e responsáveis por intermediar relações entre os indivíduos e os deuses. Dessa crença vindo todo o seu poder.

O terceiro objetivo específico foi: mostrar para os alunos como a economia mesopotâmica estava intimamente ligada à sua localização geográfica. A agricultura era desenvolvida em grande escala, pois como já foi dito, a Mesopotâmia ficava localizada entre os rios Tigre e Eufrates, um lugar bastante fértil. O comércio era praticado em bastante escala, pois ao contrário do Egito, a Mesopotâmia não possuía barreiras naturais o que facilitava a entrada e saída das caravanas dessa região. Os comerciantes andavam em grupos, levando seus produtos às regiões mais distantes. Dessas terras traziam as matérias-primas que faltavam na Mesopotâmia, como marfim, cobre e madeira.

O quarto objetivo específico foi: discutir com os alunos um pouco sobre a religião dos mesopotâmicos, procurando as diferenças entre essa religião com a dos egípcios. Enquanto o egípcio acreditava numa vida após a morte e dedicava grande parte de seus esforços à preparação da vida futura, os mesopotâmicos viviam no presente e olhavam com indiferença seu destino no além-túmulo, e isso se dava de tal forma que quando um mesopotâmico morria, era enterrado numa cova rasa em “qualquer” lugar, enquanto que o egípcio preparava túmulos sofisticados e confortáveis para caberem seus mortos.

Com esses objetivos elaborei uma aula que apesar das diferenças, fosse possível estabelecer pontos comuns entre os inúmeros povos que habitaram a

Mesopotâmia, havendo assim a interatividade entre alunos e estagiária. Para isso, elaborei um roteiro de aula (c. f. anexo) que expus no quadro e um mapa que fixei na parede.

Contudo, a aula não foi o que eu esperava, surgiram poucos questionamentos. Então perguntei por que todos estavam calados, se era a aula que estava desinteressante. Eles me responderam que não, a aula estava boa, o problema é que eles tinham uma prova de física no próximo horário.

No decorrer da aula fui logo pensando em algo que “sacudisse” aquela turma e fizesse com que eles recapitulassem o assunto. Foi daí que me veio a idéia de uma dinâmica. Era isso! Iria fazer uma dinâmica com eles, pois seria minha última aula, então serviria como uma despedida, e ao mesmo tempo, seria uma forma gostosa de provocar a interatividade entre eles, e de perceber o que eles conseguiram captar sobre a mesopotâmia. No final da aula pedi para todos revisarem o assunto, pois a próxima aula seria uma dinâmica, onde eu dividiria a turma em três equipes e faria perguntas para serem sorteadas entre elas; a equipe que respondesse o maior número de questões certas seria a vencedora, e portanto, ganharia um prêmio. Todos imediatamente me perguntaram qual seria o prêmio, e eu logo respondi: uma caixa de chocolates.

No outro dia quando cheguei na sala, já estavam eles todos lá. Eu e a professora pedimos para que formassem três equipes, pois a brincadeira iria começar. Preparei quinze perguntas (c. f. anexo) referentes à aula sobre a Mesopotâmia, coloquei-as num saquinho, e então, formadas as equipes, começamos a brincadeira. Era um jogo de passa ou repassa onde a turma que não conseguia responder passava a pergunta para a outra equipe. A professora ficou sendo a fiscal, era ela quem olhava se os alunos não estavam olhando pelo caderno, e quem marcava os pontos. Eu passava de equipe em equipe sorteando as perguntas e verificando se as respostas estavam corretas. Dessa forma, a brincadeira animou a todos, duas equipes conseguiram responder todas as perguntas e portanto o jogo terminou empatado, onde eu dividi os prêmios: uma caixa de chocolate e doze piões cheios de confeitos. Essa experiência foi muito

boa, pois percebi que os alunos conseguiram captar muitas coisas sobre a aula referente à mesopotâmia.

Terminou a dinâmica, terminou a aula e o estágio, me despedi de todos e saí com o coração apertado por não ter tido mais tempo para trabalhar coisas novas com aqueles alunos. Contudo, posso dizer que tanto na 5ª série quanto no 1º ano, a experiência do estágio foi gratificante.

Pude perceber como foram ou são diferentes as experiências em cada turma. Na quinta série o espaço humano sala de aula, era um espaço indisciplinado, onde o poder e a norma eram constantemente burlados. Nesse espaço o uso da sensibilidade foi de fundamental importância para que eu desenvolvesse meu trabalho. Já no 1º ano, o espaço humano sala de aula era marcado pela disciplina, onde para “sacudir” a turma e perceber a interatividade entre eles tive também que usar a minha sensibilidade, elaborando eixos, que discutissem o passado pensando em situações do presente, provocando assim o questionamento e a quebra daquele silêncio incômodo, e uma dinâmica que burlasse aquela norma e disciplina por eles subjetivada.

Enfim, foi percebendo esses espaços humanos através do sensível que conseguimos ter aulas mais interessantes onde todos puderam participar de uma forma mais descontraída.

CAPÍTULO II

SALA DE AULA: Que espaço é esse?

O objetivo principal da prática de ensino foi fazer com que os alunos fossem capazes de compreender e posicionar-se quanto às questões contemporâneas do ensino de história. Que ao final do estágio fossem sujeitos capazes de:

- Se posicionar frente as diferentes enunciações em circulação na atualidade quanto ao ensino de história;
- Compreender as complexas relações entre teoria, metodologia e ensino de história;

- Se posicionar quanto ao uso de métodos, recursos, estratégias e técnicas no ensino de história;
- Se posicionar contra a problemática da avaliação educacional;
- E por fim, produzir um relatório final que materializasse as suas experiências na disciplina e na prática de ensino propriamente dita.

Toda a disciplina foi discutida baseando-se na importância da observação e/ou investigação do cotidiano escolar. Várias leituras foram feitas a fim de que pudessemos observar e discutir a situação do ensino, da escola. A ideia era observar o cotidiano escolar a partir de três pontos:

- Razões e utilidades da observação;
- O que para cada estagiária é mais importante ser observado;
- Considerações teórico/metodológicas.

A partir destes três pontos o professor sugeriu que cada aluno observasse sua prática de ensino de um ângulo, onde o relatório final pudesse ser produzido a partir do ângulo e/ou problemática observada.

Após essa discussão e apresentação feitas pelo professor, começamos a refletir sobre o que achávamos interessante ser observado na escola estagiada. Levantei bibliografias referentes à observação escolar, e a partir daí comecei a pensar no que eu poderia observar. Primeiramente, pensei na relação professor/aluno, ou seja, como o professor ver e se comporta diante do aluno e vice-versa, a partir da minha própria prática. Contudo, comecei a perceber que seria bastante complicado trabalhar a relação professor/aluno por dois motivos: Primeiro, eu não encontrei material suficiente e satisfatório; segundo, o tempo seria curto para essa observação. Continuei pesquisando e pensando: O que observar? Foi então que encontrei um livro, composto por vários textos cuja temática principal é a sala de aula enquanto espaço humano. Foi daí que decidi observar o espaço humano sala de aula.

Nesse sentido, minha observação girou em torno da sala de aula, procurando entender que espaço é esse. Será que os educadores e os

professores sabem o sentido desse espaço humano com o qual lidam todo o dia? Daí então surgiu a pergunta: Sala de aula: que espaço é esse? Espaço político do poder e da disciplina? Espaço mágico de encontros humanos? Espaço de conflitos e consensos? Espaço de seduções afetivas ou doutrinadoras? Espaço onde o poder e a norma são burlados? Ou todas essas coisas juntas? Que experiências concretas, cotidianas, que trajetórias culturais envolvem/acionam/produzem o espaço humano sala de aula? A minha observação teve como objetivo perceber como esse espaço é experienciado e experimentado pelos sujeitos que o compõem.

A observação feita na E.E.E. Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira na turma da 5ª. "e" e do 1º."a" não foi tarefa fácil. Pelo contrário, foi uma tarefa nova e complicada, pois o lugar pesquisado era a escola propriamente dita. Somos e estamos acostumados a pesquisar em livros, bibliotecas e laboratórios, e o objeto a ser estudado não está nos livros, mas ao nosso redor. E essa é uma experiência nova e estranha que nos envolve concretamente e intimamente com o objeto e os sujeitos pesquisados, como nos diz André: *"na busca das significações do outro, o investigador ultrapassa seus métodos e valores, admitindo outra lógica de entender, conceber e recriar o mundo"*.¹ E esse envolvimento com objetos e sujeito pesquisado exige que estejamos dispostos *"a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, buscando referências de sons, sendo capazes de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário"*.² É preciso perceber o cotidiano escolar ou a sala de aula, através do sensível, e ter claro de que não há outra maneira de compreender esse

¹ ANDRÉ, Marli Elisa D. A Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 2000 p.45

² OLIVEIRA, Inês Barbosa de. "Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação". In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (org) Pesquisa no/do cotidiano das escolas-sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 p 17

espaço senão sabendo que estou intimamente mergulhada nele e portanto correndo todos os perigos que isso significa.

A sala de aula foi esse o lugar que para apreender o seu significado, a sua "realidade" e relações, foi preciso estar atenta a tudo que nela se passava, se acreditava, se repetia, se criava ou se inovava, ou não.

1. A quinta série: Espaço na indisciplina, onde o poder e a norma são burlados, mas não só isso.

"Se é verdade que por toda a parte que por toda a parte se estende e se precisa a rede da 'vigilância', mas urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: Que procedimentos populares, também 'minúsculos' e cotidianos, jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com elas a não ser para alterá-las; enfim, que 'maneiras de fazer' formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou 'dominados?'), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política".³

Dentro da sala de aula, o que se verifica na maioria das vezes é o estabelecimento de regras disciplinares de modo arbitrário. Além disso, pode-se perceber a não explicitação dessas regras, e a exigência do seu cumprimento é feita com base em ameaças de punição. Isso pode provocar, segundo Marcellino: *"reações conformistas ou de resistência, ou seja, a aceitação como forma de adestramento ou a indisciplina, variando desde a fuga, por exemplo, das conversas paralelas, à depredação de escolas".⁴* Em minha primeira conversa com a professora da quinta série, ela foi logo descrevendo a turma que eu iria encontrar: alunos completamente indisciplinados e desinteressados. E logo na primeira aula percebi que era exatamente como ela havia descrito. Ao entrarmos na sala, a turma continuou a falar e a andar por entre as carteiras, ignorando a nossa presença. A professora bateu com toda força a porta e aos gritos encarou a classe exigindo silêncio e atenção. Mesmo assim, só alguns atenderam. Fiquei

³ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Vozes, Petrópolis, 1994 p. 41

⁴ MARCELLINO, Nelson Carvalho. "A sala de aula como espaço para o jogo do saber" In: Sala de Aula: que espaço é esse? (org) Régis de Moraes. Editora Papirus. Campinas SP. 2000 p.62

espantada com aquela situação e observando aquele espaço comecei a pensar. Que espaço é esse, onde a ordem e a disciplina parecem não chegar? Qual a razão desse desinteresse, dessa indisciplina? Seria uma forma de reagir às normas impostas pelo professor? Falar palavrões, arrotar, brigar, correr por entre as carteiras, trocar figurinhas ou recadinhos, ver revistas de sacanagem, fumar, fazer turminhas e arruaças. Tudo isso não seria para contrabalançar o comportamento comedido, monástico e polido, que é exigido dentro das escolas e das salas de aula? Segundo Marcelino: *"Postas as regras (às vezes elas nem são explicitadas), de cuja elaboração não participam, os alunos poderão ignorá-las ou desrespeitá-las"*.⁵ Quando o professor e /ou instituição impõe suas regras, os alunos recusam-se a obedecê-las, a fazer o "jogo" do professor e/ou instituição, com procedimentos "minúsculos e cotidianos"...denunciando assim a fragilidade do jogo imposto, quebrando sua harmonia. Será que foi isso que aconteceu e/ou acontece na quinta série? Os alunos jogavam constantemente com os mecanismos da disciplina, através de conversas e até o fato de a professora ter me alertado para não chamar a diretora, pois isso faz com que os alunos percebam sua fraqueza e incapacidade de controlar a turma, alterando assim os códigos impostos, pois eles utilizam esse discurso da fragilidade fazendo com que a professora nunca chame a diretora, considerada a autoridade máxima da escola, a pessoa que reprime, reclama na frente dos colegas e expulsa. Os alunos, subvertem dessa forma a ordem muitas vezes propondo um novo jogo de forma clandestina.

Contudo, para se obter uma mudança de comportamento dentro desse espaço chamado sala de aula é preciso que o professor entenda, antes de tudo que, no processo pedagógico não há "donos" exclusivos do saber, e que ao educar ele também se educa. Porém, na devemos confundir a orientação e a motivação com o simples "deixar fazer", pois dessa forma a autoridade do professor enquanto educador deixa de existir, confundindo assim, omissão com facilidade para liberdade de expressão. O professor precisa dispor de autoridade na sala, e não encontrar-se lá unicamente para atender às imposições dos alunos,

⁵ Idem. Ibidem. P.62

pois como nos diz Marcellino: *“Não se pode negar que, em termos de apropriação do saber, a situação se apresenta desigual entre professores e alunos, pelo menos no início do processo, e somente a partir dessa constatação é que ambos poderão caminhar no sentido de superar o estágio de dependência”*.⁶ Essa autoridade deve ser delegada pelos estudantes a partir de critérios de competência, seriedade e compromisso, autoridade construída no dia a dia, na vivência com os alunos dentro e fora da sala de aula.

Também deve haver disciplina em sala de aula, porém não uma disciplina imposta, sem debates e sem relacionamentos, pois como afirma Rubem Alves *“... só aprendemos aquelas coisa que nos dão prazer, e que a partir da sua vivência que surgem a disciplina e a vontade de aprender”*.⁷ É no relacionamento, nas vivências, no “jogo da verdade” como diz Marcellino, da sala de aula, que a disciplina se constitui, e não é imposta, como diz Paulo Freire *“...a disciplina não se impõe. se parteja e se parteja nas relações”*.

Na quinta série pude perceber a sala de aula como espaço da indisciplina, onde o poder e a norma eram constantemente burlados, mas não só isso, percebi também a sala de aula como o espaço da solidariedade, onde relações afetivas foram acionadas/produzidas. E para conseguir perceber a multiplicidade de relações que compõe esse espaço, foi preciso usar a sensibilidade e tentar me colocar no lugar e/ou no mundo daqueles alunos, e perceber seus anseios, medos e desejos. Dessa forma, utilizei a pintura como uma nova estratégia que fizesse com que aqueles alunos se interessassem pelas aulas de história e que conseguissem me ver não como a professora que estava ali para impor, mas como uma pessoa que estava ali para orientá-los, para conversar com eles, para ajudá-los na sua aprendizagem, e funcionou. Foi através de atividades prazerosas como a pintura que consegui perceber a solidariedade que havia entre eles, pois se ajudavam sempre, os afetos, as amizades. É a partir da sensibilidade, da amizade e da vivência com os alunos que o professor deve buscar o ponto de equilíbrio entre disciplina e prazer, autoridade e amizade sem *“... camuflar*

⁶ Idem. Ibidem. P.65

⁷ ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar. Ars Poética. SP 1995 p.106

situações de poder, sem disfarçar incompetências técnicas ou falta de recursos, sem discursos desvinculados a prática, procurando esvaziar ainda mais o já parco conteúdo vivido nas nossas escolas".⁸ Nessa perspectiva, o educador deve considerar a sala de aula como espaço do diálogo, da vivência e convivência.

2. Primeiro Ano: espaço da disciplina e da ordem, mas não só isso.

O que Foucault chamou de disciplina ou de poder disciplinar é *"... uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder, são métodos que permitem o controle minucioso das operações de corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade..."*⁹ Uma tecnologia que trabalha o corpo dos homens, e que encontra-se em instituições como a prisão, o hospital, o exército, a família, a escola...

A disciplina segundo Foucault é uma técnica de poder que foi elaborada (e não inteiramente inventada) durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas já existiam desde a antiguidade passando pela Idade Média, os mosteiros são um exemplo de região na qual reinava o sistema disciplinar. Contudo, foi no século XVIII que o poder disciplinar foi aperfeiçoado. Foi no exército e na escola que essa nova tecnologia do poder começou a ser inventado.¹⁰

Tomando como exemplo a escola, Foucault nos diz que: *"nas escolas do século XVII os alunos estavam aglomerados e o professor chamava um deles por alguns minutos, ensinava-lhes algo, mandava-o de volta, chamava outro etc."*¹¹ O aperfeiçoamento dos mecanismos disciplinares fez com que esse espaço fosse (re)organizado, inserindo os corpos no espaço "individualizado", "classificatório", "combinatório". Disciplina, segundo Foucault é organização do espaço e também controle do tempo, ela sujeita o corpo ao tempo buscando a rapidez e a eficácia. Assim é que, se antes os alunos eram chamados de um por um, gastando assim muito tempo nesse processo, agora – século XVIII aos dias de hoje, são todos

⁸ MARCELLINO, Nelson Carvalho. "a sala de aula como espaço para o jogo do saber".p.70

⁹ FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Editora Graal. Rio de Janeiro 1995 p.XVII.

¹⁰ Idem. ibidem. p.105

¹¹ Idem. Ibidem. P.106

enfileirados e ensinados de uma só vez, economizando tempo e sendo vigiados pelo olhar controlador da professora, diretora, Estado. É por isso que a disciplina tem na vigilância um de seus principais instrumentos de controle. Vigilância que *“...reconhecidamente se exerce de modo fragmentar e descontínuo, mas que e/ou precisa ser vista pelos indivíduos que a elas estão expostos como contínua, perpétua, permanente...”*¹² É preciso vigiá-los durante todo o tempo e submete-los a uma *“pirâmide de olhares”*. É assim que na escola os olhares vão desde a diretora, passando pela inspetora, a professora, o vigia e até os próprios alunos. E por último a disciplina exige um registro de conhecimento contínuo sobre o indivíduo, como nos diz Foucault: *“ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber. O olhar que observa para controlar não é o mesmo que extrai, a nota e transfere as informações para os pontos mais altos na hierarquia de poder?”*¹³ Tal qual o olhar da professora, do inspetor, do vigia e dos próprios alunos que transferem as informações para a diretora.

Entendendo a disciplina, numa perspectiva foucaultiana, como esse conjunto de técnicas interrelacionadas que atuam sobre o indivíduo através de uma vigilância permanente, classificando-o, julgando-o, medindo-o, localizando-o, e por conseguinte utilizando-o ao máximo, foi que na minha prática de observação, concebi o primeiro ano como o espaço da disciplina e da norma.

Na primeira conversa que tive com a professora, a primeira palavra que ela utilizou para descrever os alunos foi: “disciplinados”. Ela me disse: “não se preocupe com a turma do primeiro ano, eles são alunos disciplinados e interessados”. Logo quando entrei na sala comecei a observar e a perceber a atuação dos mecanismos disciplinares, citados por Foucault. Primeiramente a organização do espaço. Diferente da quinta série, as carteiras do primeiro ano estavam todas ordenadas em filas, para que o aluno se adequasse de maneira combinatória, e para que dessa forma houvesse um controle do tempo – outro mecanismo disciplinar citado por Foucault – ou seja, quando os alunos estão todos organizados e olhando diretamente para a professora, fica mais fácil para

¹² Idem. Ibidem p.XVIII

¹³ Idem. Ibidem p.XVIII

esta, passar todo o conteúdo no espaço de tempo exigido pela instituição. Na quinta série, mesmo com a arquitetura da sala proporcionando uma organização do espaço de forma disciplinar, os alunos burlavam essa ordem, colocando as carteiras nos lugares e da forma que entendessem melhor, formando assim um amontoado de carteiras deixando enormes espaços vazios por onde transitavam constantemente, quebrando assim com a organização espacial e o controle temporal, mecanismos essenciais para a eficácia do poder disciplinar. Observei também, que a professora do primeiro ano era vista pelos alunos como autoridade máxima, uma presença esmagadora e amordaçante, que para impor ordem e respeito não precisava gritar, como fazia a professora da quinta série, se surgisse alguma conversa bastava um olhar para que esta cessasse. Ninguém se atrevia a contestar o que fosse nas atitudes e no discurso da professora.

Esses mecanismos disciplinares foram subjetivados de tal forma pelos alunos, que quando eu entrava na sala – uma simples estagiária, eles ficavam todos sentados, em silêncio, com os olhos fixados em mim. Na primeira aula, a imagem que me veio à cabeça foi daquele espaço como um exército onde a professora era a comandante (o general) e eles simples soldados, todos ordenados em filas, silenciosos e com os olhares atentos esperando que ele desse as ordens, ou seja, iniciasse a aula. Confesso que, quando vi aqueles alunos daquela forma, entrei em pânico, fiquei nervosa... comecei a escrever no quadro com a mão visivelmente trêmula. A partir daí comecei a pensar no que fazer para “sacudir” aquela turma, quebrar aquele silêncio que me incomodava, aquele comportamento comedido, monástico e polido. Comecei então a preparar aulas que provocassem os alunos ao questionamento. Foi assim que trabalhei juntamente com eles a história do Egito Antigo a partir de discussões presentes. O papel da mulher egípcia, procurando as diferenças ou pontos em comum com a mulher de hoje; o papel do camponês egípcio, procurando os pontos em comum e/ou as diferenças com os trabalhadores assalariados; a importância do faraó no Egito Antigo, discutindo também a importância dos nossos governantes, etc... Na última aula elaborei uma dinâmica, um jogo entre equipes, cuja a intenção era perceber e provocar a interatividade entre os alunos, a união e a solidariedade. E

funcionou, funcionou tão bem que os prêmios (chocolates e confeitos) foram divididos entre todos. Saí da sala gratificada com essa experiência, e portanto posso dizer que vi o primeiro ano como espaço da norma e da disciplina, mas também como espaço da solidariedade, da união de afetos, da interatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Prática de ensino no ambiente escolar, como uma etapa obrigatória no final do curso de História é um momento único para cada estagiário. É nesse momento que muitos de nós vivenciamos e sentimos pela primeira vez o contato com a escola, porém não como personagem pro trás das carteiras, mas na frente delas.

Esse estágio me ensinou muito, e me mostrou que a escola pode construir relacionamentos humanos profundos, integrais e duradouros. Relacionamentos que nos envolve em toda nossa potencialidade, em nossa riqueza de experiência, que propicia o enriquecimento mútuo e o crescimento entre professores e alunos ou entre os colegas. Porém, as vezes a escola trás relacionamentos amargos, forma personalidades truncadas e rancorosas.

Na letra de música de Pink Floyd, temos exatamente o que não se quer em uma escola. Não se quer educação com controle mental, não se quer sarcasmos por parte dos educadores que vêem o aluno como inferior, destinado exclusivamente a receber informações, como se estivessem fazendo um favor a essa plebe. Dessa forma, Pink Floyd diz que é preferível está só do que em grupos manipulados.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de estudar. Editora Ars Poética. São Paulo. 1995.
- ANDRÉ, Marli Eliza. D.A Etnografia de Política Escolar. Papirus. Campinas SP, 2000.
- BELLUCI, Boni. História Geral – Antiga e Medieval. Editora FTD S.A São Paulo.
- BURNS, Edward Mcnall. História da civilização ocidental – do homem das cavernas até a bomba atômica. Editora Globo. Porto Alegre. 1975.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Editora Vozes. Petrópolis. 1994.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Editora Graal. Rio de Janeiro. 1995.
- HERMIDA, Antonio José Borges. Compêndio de História Geral. Companhia Editora Nacional. 1970.
- MORAIS, Regis de (org) Sala de Aula: Que espaço é esse? Papirus Editora. Campinas SP. 2000.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org) Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro. DP& A, 2001.
- PEDRO, Antonio e CÁCERES, Florisval. História Geral. Editora Moderna. São Paulo. 1987.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. Editora Ática. São Paulo. 2002.

Anexos

I PLANO DE AULA (5ª SÉRIE)

TEMA: "Os Primeiros Habitantes da América"

TÍTULO: "Quando e por onde teriam chegado à América os primeiros seres Humanos?"

Objetivo Geral: Mostrar e discutir as prováveis rotas de migração dos primeiros seres humanos na América, ressaltando as divergências entre os arquipélagos à respeito das possíveis datas de chegada desses povos ao continente.

Objetivos Específicos:

1. Trabalhar as descobertas arqueológicas no Brasil, enfatizando o sítio arqueológico de São Raimundo Nonato e a Caverna da Pedra Pintada;
2. Mostrar como as representações e os objetos que são encontrados nos sítios arqueológicos possibilitam formar uma idéia sobre o modo de vida de grupos que viviam em determinadas regiões.

Escolha Metodológica:

A escolha por trabalhar a chegada dos primeiros grupos humanos à América a partir da divergência entre os arqueólogos a respeito dos possíveis caminhos e das possíveis datas da chegada desses povos ao continente, teve como objetivo mostrar aos alunos que não existe a verdade e sim suposições, e que pesquisas ainda estão sendo realizadas.

O caminho percorrido pelos primeiros seres humanos até chegarem à América é, segundo os arqueólogos, quase certo: as geleiras do Estreito de Bering e pelo litoral do Oceano Pacífico. A data é incerta: por muito tempo acreditou-se que isso teria ocorrido a pouco mais de 11 mil anos. Só que pesquisas recentes mostraram que a história não pode ser bem assim. Ao estudarem os vestígios deixados pelos primeiros habitantes da América, alguns pesquisadores sugeriram que os primeiros seres humanos podem ter chegado à América há pelo menos 20 ou 30 mil anos. Quem teria razão? A escolha por esse eixo teve como objetivo

insuflar a discussão entre os próprios alunos, a participarem da aula dando suas opiniões.

Recursos Didáticos: Roteiro de Aula e transparência.

Bibliografia:

- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. Editora Ática – SP. 2002. pág. 32-39.

II PLANO DE AULA (5ª SÉRIE)

TEMA: "Agricultura, Vilas e Cidades"

OBJETIVO GERAL: Mostrar e discutir com os alunos as causas e/ou conseqüências dos povos primitivos terem passado de nômades à condição de sedentários.

Objetivos Específicos:

1. Mostrar para os alunos como o desenvolvimento da agricultura foi um passo decisivo para o domínio da natureza e para o processo de sedentarização dos grupos humanos;
2. Mostrar o processo de sedentarização como causador de uma revolução no modo de vida da humanidade, onde um dos acontecimentos mais importantes relacionado a isso foi o desenvolvimento de vilas e cidades;
3. Discutir a importância dos rios na formação das vilas e cidades.

Escolha Metodológica:

Trabalhar com os fatores que possibilitaram aos povos primitivos passar de nômades a sedentários e as conseqüências dessa nova situação, me possibilita

mostrar para os alunos como, através do estudo do passado, podemos pensar questões do presente como:

1. Moradia. Morar onde e como: essa sempre foi uma das maiores preocupações dos seres humanos. A sedentarização possibilitou o desenvolvimento de variadas técnicas para a construção de habitações. Essas técnicas mostraram-se eficazes em proteger as pessoas do frio, do calor, das enchentes, dos terremotos, dos ataques de animais. Mas, até agora, elas se mostraram incapazes de resolver para muitas pessoas o problema original: Onde Morar.
2. O problema das secas e a necessidade de se morar perto de açudes e rios.
3. O desenvolvimento da agricultura, onde o cultivo trouxe a possibilidade de produzir alimentos em grande quantidade. O que provocou muitas transformações dentre elas o aumento da população humana.
4. A fome: apesar do desenvolvimento da agricultura ter permitido uma melhoria na qualidade de vida, atualmente muitas pessoas morrem de fome por causa da ganância de alguns.

Essa escolha metodológica teve como objetivo principal discutir com os alunos questões que são atuais e que estão muito próximas deles.

Recursos Didáticos: Roteiro de Aula, Transparências.

Bibliografia:

- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. Editora Ática SP. 2002 – pág. 40-45.

III PLANO DE AULA (5ª SÉRIE)

TEMA: "Mesopotâmia: erra entre rios".

Objetivo Geral: Buscar e discutir com os alunos, dentre todas as diferenças, os possíveis pontos em comum entre os povos que habitaram a Mesopotâmia na antiguidade, no que se refere à organização social, à religião e à economia.

Objetivos Específicos:

1. Mostrar a localização da Mesopotâmia, ressaltando os motivos que fizeram essa terra ter sido disputada por vários povos.
2. Traçar juntamente com os alunos os pontos em comum na organização social dos povos que ocuparam a Mesopotâmia.
3. Mostrar que entre os povos mesopotâmicos a política, a religião e a economia estavam intimamente ligadas. Explicar o que seria politeísmo e as diferenças entre os deuses.
4. Discutir o porquê de a principal atividade econômica na Mesopotâmia ser a agricultura e o comércio.

Escolha Metodológica:

A escolha por trabalhar os pontos em comum entre os povos que ocuparam a mesopotâmia se deve por vários motivos:

1. Eu tenho apenas duas aulas para trabalhar a Mesopotâmia, portanto o tempo é muito curto, não dando para detalhar fatos;
2. São muitos detalhes que podem ser omitidos sem maiores desastres;
3. A aula iria ficar cansativa e desinteressante;
4. Trabalhar os pontos em comum, não complica a cabeça dos alunos, a aula não fica enfadonha, e eu consigo passar o conteúdo que me é exigido.

Recursos Didáticos: Roteiro de aula; mapa.

Bibliografia:

- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. Editora Ática. SP. 2002 – pág. 46-54.

I Roteiro (5ª Série) OS PRIMEIROS HABITANTES DA AMÉRICA (Capítulo 04)

Quando teriam chegado à América os primeiros seres humanos? (muitas são as hipóteses)

Pinturas rupestres mostram que os seres humanos podem ter chegado à América há pelo menos 20 ou 30 mil anos.

Pinturas rupestres – pinturas geralmente deixadas ou encontradas no interior de cavernas e feitas por habitantes antigos. (MOSTRAR A TRANSPARÊNCIA)

- Nossos ancestrais: Qual o caminho que eles percorreram para chegar até a América:
- Duas hipóteses: Estreito de Bering, litoral do oceano Pacífico (MOSTRAR TRANSPARÊNCIA); Nessa época o continente era ligado por uma camada permanente de gelo.

Várias são as datações a respeito da ocupação da América:

- Pesquisas feitas nos EUA na década de 60 revelam que a ocupação se deu por volta de 11500 anos;
- Anos 70, pesquisas realizadas no Chile e no Brasil mostram que a ocupação se deu por volta de 20 ou 30 mil anos;
- Últimas pesquisas realizadas por Niède Guidon responsável por estudos realizados em São Raimundo Nonato mostram que essa ocupação pode ter

sido muito anterior, cerca de 50 mil anos. (Não há um consenso, uma data exata)

E por que essa dificuldade?

Saber quando a humanidade iniciou a ocupação da América não é tarefa fácil. Por quê?

Os primeiros grupos humanos não tinham preocupação em registrar os acontecimentos de suas vidas, e os vestígios de suas atividades foram quase todos destruídos pelo tempo, só sobreviveram: poucos, encontrados no interior de cavernas, em lugares bastante escuros.

No Brasil as pesquisas arqueológicas são realizadas desde o século XIX, e vem se multiplicando a cada ano.

Em Lapa Vermelha, MG, foi encontrado o esqueleto humano mais antigo da América. Com 11500 anos, ele pertence a uma mulher de mais ou menos 20 anos e 1,50m de altura, com traços negróides ganhou o nome de LUZIA. (TRANSPARÊNCIA)

Os principais sítios arqueológicos do Brasil:

- São Raimundo Nonato – PI
- Caverna da Pedra Pintada – AM

São Raimundo Nonato:

Início das pesquisas em 1970 sob a direção de Niède Guidon. Análise de fósseis de plantas indicou que na região havia:

- Floresta tropical;
- Cavalos;
- Tigres-dente-de-sabre;
- Lagartos, capivaras, preguiças;
- Tatus gigantes.

Os povos que moravam lá praticavam a caça e utilizavam o fogo. (mostrar transparência)

CAVERNA DA PEDRA PINTADA

Início das pesquisas 1996, onde comprovaram que seres humanos viveram na região da Amazônia há pelo menos 11200 anos. Encontraram:

- fragmentos de objetos;
- pinturas rupestres;
- lascas de cerâmica;
- restos de fogueiras e ossos de animais.

A partir desses vestígios os pesquisadores descobriram que os habitantes dominavam o fogo e eram caçadores.

II roteiro (5ª Série)
AGRICULTURA, VILAS E CIDADES
(Capítulo 5)

Hoje grande parte das pessoas possui residência e endereço fixo... Porém nem sempre foi assim: Durante milhares de anos grupos humanos deslocaram-se continuamente em busca de condições necessárias para a sobrevivência. Eram nômades, viviam da coleta de frutos e vegetais, e com o desenvolvimento de instrumentos tornaram-se caçadores.

Um lugar definitivo: Com o desenvolvimento da agricultura essas pessoas começaram a se fixar em local determinado. Passando de nômades a sedentários – já plantavam seu próprio alimento.

A sedentarização, ou seja, essa fixação em lugar determinado, provocou verdadeira revolução no modo de vida da humanidade; Provocando o desenvolvimento das cidades.

OBS: Os seres humanos sempre procuraram as margens dos rios para se fixarem. Rio: Água para beber; solo fértil para a agricultura.

Com o passar do tempo o surgimento das vilas e cidades facilitou a prática do comércio, a fabricação de utensílios, tanto de barro quanto de metal.

As casas: Construídas de tijolos, geralmente com um só vão, e muito perto umas das outras, sem espaço para ventilação. (mostrar transparência)

Acesso a elas: Pelo telhado, não havia portas.

Todas as cidades eram protegidas por um muro.

III roteiro (5ª Série)

MESOPOTÂMIA

(Capítulo 6)

Localização: Ásia Ocidental, entre o rio Tigre e o Eufrates; Daí o nome Mesopotâmia, ou seja, "terra entre rios".

Povoamento: Mais ou menos 4000 a.c. e 539 a.c.; Vários povos ocuparam essa região entre eles:

- Sumérios (4000 a.c. – 1900 a.c.)
- Babilônios (1900 a.c. – 1600 a.c.)
- Hititas (1600 a.c. – 1200 a.c.)
- Assírios (1200 a.c. – 612 a.c.)
- Caldeus (612 a.c. – 539 a.c.)

Organização Social

Apesar da diferença é possível estabelecer pontos comuns entre eles:

SOCIEDADE:

- Sacerdotes;
- Aristocratas;
- Militares;
- Comerciantes;
- Artesãos;
- Camponeses;
- Escravos.

Entrelaçamento entre Política e Religião:

REI:

- a) Exercia funções de sumo sacerdote, supremo juiz e comandante militar;
- b) Era considerado representante dos deuses na terra;
- c) Intermediava as relações entre os indivíduos e os deuses.

RELIGIÃO

- Politeístas:
- a) adoravam diversos deuses;
 - b) acreditavam que os deuses eram capazes de fazer tanto o bem quanto o mal;
 - c) os deuses representavam elementos da natureza como o vento, a água, a terra, o sol, etc.
 - d) cada cidade tinha um deus próprio.

POLÍTICA E ECONOMIA:

- REI:
- a) representante dos deuses;
 - b) auxiliado por: ministros, sacerdotes e funcionários.
 - c) principal atividade econômica: Agricultura e o Comércio.

I PLANO DE AULA (1º ANO)

TEMA: O Egito Antigo

Título: A vida no Egito Antigo.

Objetivo Geral: Trabalhar a História do Egito Antigo dando ao papel da mulher na sociedade egípcia; a situação do camponês egípcio; a importância do Faraó para os antigos egípcios; a importância do rio Nilo para a sobrevivência da sociedade egípcia e a influência da religião na vida dos egípcios.

Objetivos Específicos:

1. Mostrar a importância do rio Nilo para a sobrevivência da sociedade e a partir daí discutir com os alunos a importância da água, rios e açudes atualmente;

2. Discutir a importância do Faraó na sociedade egípcia para a partir daí falarmos um pouco sobre o poder dos nossos governantes e o que eles representam para nós;
3. Discutir a forma como estava organizada a sociedade egípcia dando ênfase ao papel do camponês e da mulher nessa sociedade, para a partir daí levando em consideração todas as diferenças entre a nossa sociedade e a do Egito Antigo, compararmos o papel das mulheres em nossa sociedade com as das egípcias de antigamente, assim como comparar a situação do camponês egípcio ao do trabalhador assalariado no Brasil;
4. Discutir com os alunos a importância e a influência da religião na sociedade egípcia, para a partir daí discutirmos a influência que a religião exerce na vida de cada um de nós.

Escolha Metodológica:

A escolha por trabalhar a História do Antigo Egito enfatizando o papel da mulher na sociedade egípcia buscando as diferenças entre essa mulher e a mulher de hoje; a situação do camponês egípcio buscando os pontos em comum e as diferenças entre ele e o trabalhador assalariado de hoje; o papel do Faraó e o poder que ele detinha naquela sociedade para a partir daí discutirmos sobre o poder dos nossos governantes e o que eles representam para nós, a importância do rio Nilo para os egípcios e a partir daí discutirmos a importância dos rios e açudes atualmente, principalmente na região Nordeste; a importância da religião para os egípcios buscando discutir a importância e/ou influência que a religião exerce na vida de cada um de nós, teve como objetivo uma aula que ressaltasse aspectos da sociedade que geralmente são omitidos pelos livros, de discutirmos o passado pensando em situações presentes, e para que a partir daí os alunos pudessem intervir dando suas opiniões, seus exemplos, levantando questões e problemas. A idéia de uma aula assim, foi para provocar os alunos a falarem, a opinarem e perceberem que o estudo do passado nos ajuda a pensar muitas questões que estão presentes e muito próximas de nós.

Recursos Didáticos: roteiro de aula; mapas e textos que foram distribuídos entre eles.

Bibliografia:

- BELLUCI, Boni. História Geral – Antiga e Medieval. Editora FTD S/A. São Paulo.
- BURNS, Edward Mcnall. História da Civilização Ocidental do Homem das Cavernas até a Bomba Atômica. Editora Globo. Porto Alegre – 1975.
- HERMIDA, Antonio José Borges. Compêndio de História geral. Companhia Editora Nacional 1970.
- PEDRO, Antonio e CÁCERES, Florival. História geral. Editora Moderna. São Paulo. 1987.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. Editora Ática. São Paulo. 2002.

I roteiro (1º ano)

A Sociedade Egípcia

1. LOCALIZAÇÃO:

Uma das mais antigas sociedades do mundo. Egito – situado no nordeste da África e é banhado pelo rio Nilo. Oeste – deserto da Líbia; Leste – mar vermelho e deserto arábico. Egito antigo dividido: Alto Egito e Baixo Egito.

A organização social e cultural se fundamentava na agricultura de regadio. O Nilo era fundamental para a sobrevivência de Egito.

A inundação anual (julho a outubro) devia ser controlada para que não arruinasse a terra, nem as plantações. Para isso os egípcios desenvolveram sofisticado sistema de irrigação conseguindo controlar as enchentes e as secas.

2. POVOAMENTO:

O povo egípcio é resultado da fusão de vários povos asiáticos e africanos que se fixaram à margem do Nilo, formando uma sociedade característica de lavradores. Essa fixação começou a se dar por volta do período Neolítico (5000 a.c.)

- Agricultura incipiente;
- Estavam organizados em gens (pequenas comunidades sustentadas por laços de parentesco, que caracterizavam-se pela propriedade coletiva do solo).

OBS: Os gens não desenvolviam ainda os canais de irrigação.

- No final do Neolítico, os gens foram se unificando, até o surgimento de agregados maiores, os Nomos. (Foi nesse período que o Egito ficou dividido em Baixo Egito e Alto Egito; houve a necessidade de um controle das enchentes e das secas que fez surgir os Nomos; estes eram governados por Chefes locais conhecidos como Monarca).

O processo de unificação foi se acentuando, até se dar a centralização do poder no soberano egípcio chamado de Faraó (Casa grande).

3. PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA EGÍPCIA

As margens do rio Nilo eram ocupadas por Nomos, grupos que se uniram formando o Baixo e o Alto Egito.

Foi no ano de 3200 a.c. esses reinos foram unificados em termos territoriais e políticos, surgindo apenas um reino governado por um só soberano (Faraó ou Casa Grande).

A História do Egito Antigo é dividida em três períodos:

Antigo Império (3220 a.c. a 2100 a.c.)

- Construídas sofisticadas obras de drenagem e irrigação que permitiu expansão da agricultura;
- Construídas as grandes pirâmides: Quéops, Quefren e Miquerinos;

PIRÂMIDES: - eram túmulos dos faraós. Para o seu interior eram lavados grandes quantidades de objetos que pertenciam ao soberano: móveis, jóias, etc.

- Foi durante esse período que o Faraó conquistou amplos poderes. Isso acabou gerando conflitos; Os grandes proprietários de terras e os chefes dos nomos, insatisfeitos procuraram diminuir o poder do Faraó (o que acabou acontecendo).
- Toda a vida econômica era controlada pelo Estado;
- Base da economia na agricultura, executada pelas comunidades camponesas.

MÉDIO IMPÉRIO (2100 a.c. a 1580 a.c.)

- Faraós conquistaram o poder político no Egito. Capital Tebas;
- Conquistas territoriais que trouxeram prosperidade econômica;
- 1750 a.c. ocorreu revolta camponesa apoiada por escravos, onde o império enfraquecido possibilitou a invasão dos hicsos, que permaneceram por cerca de 170 anos.

NOVO IMPÉRIO (1580 A.C. A 715 A.C.)

- Período iniciou com a expulsão dos hicsos;
- Numerosas conquistas territoriais;
- No final do período ocorreram agitações internas e uma nova onda de invasões.

4. ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Família monogâmica, embora pudesse haver a poligamia. O pai tinha autoridade absoluta.

Classes Sociais:

1. FARAÓ (adorado como um deus)
2. SACERDOTE (classe privilegiada, pois além das funções religiosas, dedicavam-se ao estudo da Medicina e outros.)
3. NOBRES
4. MILITARES (classe especial que protegia o Estado)
5. ESCRAVOS.

5. RELIGIÃO

- Influenciou todos os aspectos da vida egípcia.

- POLITEÍSTA – deuses tomavam formas diversas, ora humana, ora animal (zooantropomorfismo).
- Acreditava na existência da alma que um dia viria junta-se ao corpo, se encontrasse conservado, daí o processo de mumificação.
- Povo altamente místico que ajudava a preservar o poder do Faraó, identificado como deus.
- Os principais deuses eram: OSÍRIS (pai), ÍSIS (mãe) e HÓRUS (filho).

6. CULTURA

ARQUITETURA – Pirâmides, templos, diques, represas e canais de irrigação.

ESCULTURA – Esfinge (corpo de leão e cabeça humana, O escriba sentado).

PINTURAS – Cenas da vida diária.

CIÊNCIA – Astronomia, Matemática, Medicina.

ESCRITA – Hieroglífica (bem cultural denominado pelos escribas).

II PLANO DE AULA (1ª ano)

Título: Mesopotâmia: terra entre rios.

Objetivo Geral: trabalhar os principais povos que ajudaram a formar a civilização mesopotâmica, discutindo a importância da localização da Mesopotâmia para sua sobrevivência, por isso as freqüentes guerras e ocupações, e enfatizar os pontos em comum entre eles, no que se refere à organização social, à religião e à economia.

Objetivos Específicos: 1. Mostrar a localização da Mesopotâmia e discutir com os alunos a importância dessa estreita faixa de terras localizada entre os rios Tigre e Eufrates para a sobrevivência dos povos que ali se fixaram.

2. Mostrar e discutir com os alunos a ligação entre os povos mesopotâmicos, entre política e religião, onde os reis exerciam a função de sumo sacerdote, supremo juiz e comandante militar.

3. Mostrar para os alunos como a economia mesopotâmica estava intimamente ligada à sua localização geográfica.

4. Discutir com os alunos um pouco sobre a religião mesopotâmica, procurando as diferenças entre essa religião com a dos egípcios.

Escolha Metodológica:

A idéia em trabalhar a Mesopotâmia a partir de sua localização geográfica (pois numa época em que a dependência dos seres humanos em relação à natureza era determinante, e dominar áreas férteis e repletas de possibilidades comerciais, era, acima de tudo, uma questão de sobrevivência), teve como objetivo buscar a discussão e o levantamento de novas questões pelos alunos, onde eu não ficasse apenas narrando acontecimentos.

Recursos Didáticos: Roteiros de aula; mapa; quadro e giz.

Bibliografia:

- BELLUCI, Boni História Geral – Antiga e medieval. Editora FTD S/A. São Paulo.
- BURNS, Edward Mcnall. História da Civilização Ocidental. Do homem das cavernas até a bomba atômica. Editora globo. Porto Alegre – 1975.
- HERMIDA, Antônio José Borges. Compêndio de História Geral – Companhia Editora Nacional. 1970.
- PEDRO, Antônio e CÁCERES, Florival. História Geral. Editora Moderna. São Paulo. 1987.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Integrada. Editora Ática. São Paulo. 2002.

II roteiro (1º ano)
Mesopotâmia

LOCALIZAÇÃO

- Povoada mais ou menos 3500 a 3000 a.c.
- Mesopotâmia situava-se na Ásia Ocidental. Ficava entre o rio Tigre e o Eufrates (oeste), daí o nome de Mesopotâmia “Entre Rios”.

POVOAMENTO

Devido sua localização geográfica, a mesopotâmia geográfica natural para os povos em constantes deslocamentos à procura de melhores condições de vida e para caravana de mercadores. Daí a grande mistura de povos que compunha seus habitantes.

CIVILIZAÇÕES DA MESOPOTÂMIA: Sumérios, Acádios, Babilônios, Assírios e Caldeus.

SUMÉRIOS (4000 a 1900 a.c.)

Foi um dos primeiros povos a ocupar a mesopotâmia; por isso, enfrentaram muitos obstáculos naturais. Havia violentas e irregulares cheias dos rios. Para conter isso, construíram diques, barragens e canais de irrigação para desenvolver a agricultura.

Estavam organizados em gens. Com o passar do tempo dissolveram-se os gens e organizaram-se em Cidades-Estado. (cidades autônomas que possuem governo independente). Principais: Nipur, Ur, Uruk e Lagash.

Cidade-Estado dirigida por um Patesi e auxiliado por sacerdotes e burocratas. (Patesi – 1º sacerdote, comandante do exército e superintendente do sistema de irrigação)

ACÁDIOS (cidade Acad; 2555 a.c.)

Cidades-Estado foram unificadas em um só reino sob o comando de Sargão I – Surgiu assim, o primeiro império da região que durou pouco mais de 100 anos, depois foi destruído; as cidades sumérias voltaram a tomar a forma de cidades-estado.

BABILÔNIOS (1900 a 1600 a.c.)

Uniu as cidades e formou uma monarquia; Foram conquistando paulatinamente as diversas cidades. Nessa conquista destacou-se HAMURABI que por volta de 1750 a.c. havia conquistado toda a Mesopotâmia, formando um

império com capital na cidade de Babilônia. A partir daí a preocupação não era mais a expansão territorial e sim a preservação das terras conquistadas.

Impôs todos os povos sob uma mesma administração e sob uma mesma legislação: baseada no princípio de Talião (olho por olho, dente por dente). O Código de Hamurabi (mais antigo conjunto de leis escritas da história).

Durante o governo de Hamurabi houve:

- a) maior desenvolvimento da agricultura;
- b) desenvolvimento do calendário;
- c) desenvolvimento do relógio do sol;
- d) profissionalização do exército;
- e) hereditariedade dos cargos burocráticos;
- f) desenvolvimento de uma economia mercantil e da escravidão;

Estes últimos três foram responsáveis pela dissolução. A sociedade era dividida: a) homens livres;

b) escravos;

c) grupo intermediário (mushkkinum)

Após a morte de Hamurabi, o império babilônico foi invadido por vários povos:

ASSÍRIOS (1200 a 612 a.c.; Alta Mesopotâmia)

Guerreiros conhecidos por sua violência, construíram um império cuja capital foi ora Nínive, ora Assur.

CALDEUS (612 a 539 a.c.)

Império conhecido como Segundo Império Babilônico, que atingiu seu apogeu com o soberano Nabucodonosor. (Este conquistou Jerusalém; hebreus transportados como escravos tendo este episódio recebido o nome bíblico de Cativo Babilônico dos Hebreus).

Cidade da Babilônia: Período próspero, construção de palácios e dos jardins suspensos.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL, RELIGIOSA E POLÍTICA.

1. Rei e Sacerdotes (as terras não eram propriedade dos Reis);
2. Aristocratas;
3. Militares;
4. Comerciantes;
5. Artesãos (pouco tinham que pudessem considerar propriedade sua);
6. Camponeses;
7. Escravos (tinham propriedade, salários, casar com mulheres livres; muitos não passavam de servos que haviam hipotecado sua pessoa por dívidas).

Entrelaçamento entre Política e Religião

Rei exercia funções de sumo sacerdote, supremo juiz e comandante militar; Era representante dos deuses na terra e intermediava relações entre indivíduos e deuses.

RELIGIÃO

Adoravam demônios (demonologia); destinada exclusivamente a este mundo. Era politeísta e monística. Deuses capazes de fazer tanto o bem quanto o mal. Divindades representavam elementos da natureza: vento, água, terra, sol, etc. Cada cidade tinha seu deus próprio e quando uma alcançava predomínio político, seu deus também era cultivado nas áreas dominadas.

POLÍTICA E ECONOMIA

Rei: figura principal, representante dos deuses.

ECONOMIA

A escrita era cuneiforme; a literatura era ligada à religião; na Medicina as doenças eram relacionadas a espírito mau; na Astronomia desenvolveu-se o ano com 365 dias; na Arquitetura, jardins suspensos da Babilônia (Zigurat) e Matemática.

LEGADO DOS POVOS MESOPOTÂMICOS

- a) ano 12 meses e semana 7 dias;
- b) divisão do dia em 24 horas;
- c) crença no horóscopo e os doze signos do zodíaco;

- d) circunferência de 360 graus;
- e) multiplicação, divisão, soma e subtração;

PERGUNTAS UTILIZADAS NA DINÂMICA

1. Qual o povo que tratava cruelmente os vencidos, que era extremamente violento, onde a palavra chave era conquistar?
2. Quais os principais povos que conquistaram e ocuparam a Mesopotâmia?
3. A Babilônia possuía imponentes obras arquitetônicas. Qual a mais famosa e considerada uma das sete maravilhas do mundo?
4. "Quero destruir os perversos e o mal; impedir que os fortes oprimam os fracos, ilustrar o país e fomentar o bem-estar do povo". São palavras de Hamurábi, soberano babilônico, autor do primeiro código de leis escritas da História. Em que se baseava esse código?
5. Fale um pouco sobre as características da religião Mesopotâmica.
6. Se você atualmente quisesse visitar a Mesopotâmia, que país visitaria?
7. Cite as classes sociais da Mesopotâmia.
8. O cavalo foi introduzido na mesopotâmia pelos...
9. Por quê os Assírios eram odiados pelos vizinhos?
10. Qual a situação geográfica da mesopotâmia?
11. Quem foi Hamurábi?
12. Quais as ciências cultivadas pelos mesopotâmicos?
13. Como se chamava os governadores das cidades-estados sumérianas.
14. Quais eram as principais atividades econômicas na mesopotâmica?
15. Herdamos dos povos mesopotâmicos vários elementos de nossa cultura. Cite três.

Resposta. Exat travessia

1. O que são nômades?

os nômades são povos que se mudam de um lugar para outro não tem como certo para ficar ficam onde estão quando a falta de comida que tem no lugar vão para outros lugares.

2. Como os primeiros grupos humanos viviam?

Viviam do que a natureza oferece e se alimentava na maioria das vezes com frutas, cogumelos e palmeiras dividiam as carnes com seus filhos caçavam plantas.

3. O que são os grupos humanos sedentários?

Elles eram nômades viviam procurando de lugar para outro quando a comida acabava eles iam para outro lugar e se estabeleceram porque vivem em um só lugar.

4. Porque os grupos humanos se tornaram sedentários?

depois que aprenderam a cultivar plantas e criar do misticismo animal eles não viajavam mais e tornaram sedentários.

Citividade aluno: aisolison B. Sisto

Responda

N:SS

+1

S:E

1. O que são pinturas rupestres?

São Pinturas mais pedor

2. Qual o caminho percorrido pelos primeiros grupos humanos, para chegarem à América?

Estreito de Bering Ásia América do norte

3. Quais os principais sítios arqueológicos encontrados no Brasil.

são Pedra seco Terros etc

4. Qual o nome do primeiro ancestral encontrado na América?

Buria

- Atividade -

Resposta

1º
ótimo
trabalho

+1

100
2

1. O que são nômades, são pessoas que não tem lugar determinado para ficar quando a comida ou bebida eles já procura outro lugar.
2. Como os primeiros grupos humanos viviam? Eles viviam nos cavernas com animais ou faziam armas e pescavam.
3. O que são grupos humanos sedentários? Por que eles fixo num lugar determinado. Eles plantavam, pescavam e coletavam frutos, e caçavam os animais.
4. Porque os grupos humanos se tornaram sedentários? Eles era nômades eles não tinha lugar determinado para ficar mais ou para o tempo eles foram ficando sedentários são pessoas que não precisava de deslocamento eles ficaram no local do rio plantavam eles não precisava mais de sair de que lugar.

Andrey Lourenço

3 A religião

A religião desempenhava papel importante na sociedade egípcia: todos os aspectos da vida de um egípcio eram regulados por normas religiosas.

Havia cerimônias religiosas para os acontecimentos individuais: nascimento, casamento, morte, etc.; e também para os acontecimentos que envolviam toda a sociedade, como as festas na época da colheita.

A religião influenciou também a arte, expressando-se na literatura, na arquitetura e na pintura.

Uma vida após a morte

Os antigos egípcios acreditavam numa vida após a morte e no retorno do espírito ao corpo.

Conforme a posição social do indivíduo e sua riqueza, o túmulo podia ser um buraco na rocha, uma seqüência de câmaras escavadas na montanha, ou uma pirâmide, no caso dos faraós. Para o interior do túmulo, os egípcios levavam objetos de uso diário e as riquezas que possuíam e pintavam cenas cotidianas. Acreditavam que, agindo assim, garantiam o conforto na vida após a morte.

A mumificação

De acordo com a religião egípcia, a alma precisava de um corpo para morar por toda a eternidade. O corpo tinha que ser conservado para abrigar a alma. Por isso, os egípcios desenvolveram a técnica da mumificação. Eles foram verdadeiros mestres nessa atividade.

Após a morte, o corpo era esvaziado e desidratado com a ajuda de um sal especial. Em seguida, embalsamado e envolvido com faixas de tecido de linho.

As vísceras do morto eram colocadas separadamente em quatro recipientes. Somente o coração era substituído por algum objeto. Por ser impossível conservá-lo, uma peça em forma de escaravelho (inseto de quatro asas, também chamado de bichobolo) era colocada em seu lugar. Em geral, um texto sagrado envolvia o novo "coração". Assim, o anterior era substituído simbolicamente.

Enquanto os embalsamadores se ocupavam da proteção do corpo, uma sepultura era preparada e decorada.

Qualquer que fosse o grupo social do morto, a tumba deveria proteger a múmia.

(Adaptado de: Robert Vergnienx. *L'Egypte Ancien*. Paris, Éditions Rouge et Or, 1993. p. 41.)

Os deuses

Os egípcios cultuavam inúmeros deuses, com funções e aspectos variados. Existiam deuses cultuados em todo o Egito e outros adorados apenas em determinados lugares. Entre os primeiros estavam os deuses ligados à morte e ao enterro, como Osiris.

O culto a Ísis e a Osiris era o mais popular no Egito Antigo. Acreditava-se que Osiris e sua irmã-esposa, Ísis, tinham povoado o Egito e ensinado aos camponeses as técnicas da agricultura. Conta a lenda que o deus Set apaixonou-se por Ísis e por isso assassinou Osiris. Este ressuscitou e dirigiu-se para o Além, tornando-se o deus dos mortos.

Os antigos egípcios acreditavam que as lágrimas de Ísis, que chorava a morte do esposo, eram responsáveis pelas cheias periódicas do Nilo. Também era adorado o deus Hórus, filho de Ísis e Osiris.



Os egípcios representavam seus deuses com formas humanas ou de animais. Nesta ilustração vemos: Osiris, protetor dos mortos, representado por um sarcófago; Hórus, filho de Ísis e Osiris, com cabeça de falcão; e Ísis, deusa do casamento e esposa de Osiris, em figura humana.

Existe vida após a morte?
Para os egípcios, essa questão
tão era tão importante
que economizavam durante
toda existência para
garantir uma vida me-
lhor após a morte. Na
mesopotâmia, acreditava-
se que os mortos habita-
vam um lugar terrível.
O que você pensa sobre es-
se assunto? Escreva um
texto dando sua opinião.

As mulheres na sociedade egípcia

Os relevos e pinturas dos túmulos fornecem imenso e importante material para se estudar a vida cotidiana dos antigos egípcios. Apesar de os grandes túmulos terem pertencido apenas aos membros dos grupos sociais mais ricos, algumas cenas de seu interior permitem-nos lançar um olhar sobre o cotidiano de grande parte da população.

As informações transmitidas por estas cenas podem ser complementadas por objetos de uso diário, que eram muitas vezes sepultados com seus proprietários. Os textos literários e administrativos são também importantes.

Assim, é possível conhecer um pouco o papel das mulheres no Egito Antigo analisando a decoração dos túmulos. Nessas cenas, a esposa ou a mãe do proprietário do túmulo têm maior destaque. Em geral, as duas aparecem vestidas de forma simples mas elegante, sentadas comodamente com o homem à mesa

de oferendas. Por vezes, elas acompanham o homem quando ele observa cenas de trabalho.

No outro extremo, encontramos as mulheres ocupadas em trabalhos servis, fazendo pão e cerveja, fiando ou tecendo. São atividades íenas, provavelmente, em aposentos domésticos de uma casa mais rica.

A cor amarela da pele das mulheres indica, entre outras coisas, uma menor exposição ao sol do que a dos homens, representados com aparência mais avermelhada. Isso sugere uma reclusão maior da mulher.

É possível que não fosse seguro para elas se aventurarem pelos espaços externos. Um texto de Ramsés III afirma: "Tornei possível à mulher egípcia seguir o seu caminho, podendo as suas viagens prolongar-se até onde ela quiser, sem que qualquer outra pessoa a assalte na estrada", o que implica não ter sido sempre este o caso.



A ilustração mostra egípcios das camadas privilegiadas se divertindo com um jogo semelhante ao xadrez, na presença de três dançarinas.

Nos túmulos mais antigos as mulheres estão ausentes dos trabalhos de maior destaque e das diversões mais agradáveis. Para além das cenas de tocadoras de instrumentos e de dançarinas acrobáticas, o papel das mulheres nesse período parece ter sido muito restrito.

As mulheres não tinham quaisquer títulos importantes e, à exceção de alguns membros da família real e das rainhas, dispunham de pouco poder político.

O título que detinham em geral era o de senhora da casa. Quase todas eram analfabetas.

(Adaptado de: John Baines e Joromir Malek. *O mundo egípcio. Deuses, templos e faraós*. Madri (Espanha), Edições del Prado, 1996, v. 2, p. 190-205.)

1. Pode-se afirmar que os homens tinham privilégios na sociedade egípcia? Justifique sua resposta.
2. A partir do texto, compare o papel da mulher ao do homem no Egito Antigo.
3. No que diz respeito às mulheres, existe muitas diferenças entre a nossa sociedade e a do Egito Antigo. Levando isso em consideração, compare o papel das mulheres em nossa sociedade com as das egípcias de antigamente.

Conselhos de um pai

O camponês passa a vida a lamentar-se,
Tem a voz rouca como o corvo.
Tem feridas fétidas nos dedos e nos braços.
Está farto de estar na lama e veste-se de farrapos

e de tranos

E como se vivesse entre os leões;
quando adoece, jaz no solo úmido.

Quando abandona o campo e regressa a casa, à
tardinha, fica exausto com o caminho

(...)

Deixa que te fale também do pescador,
que está numa situação ainda pior.

Trabalha na margem, rodeado de crocodilos e
lamenta-se constantemente.

(Sátira dos ofícios. In: Sérgio Donadoni (org.). *O homem egípcio*. Lisboa, Presença, 1994. p. 26.)

Muito do que sabemos sobre os camponeses egípcios provém de fontes literárias, pinturas e relevos conservados, em sua maioria, nos túmulos das pessoas ricas da época.

Os textos literários que chegaram até nós são poucos. A *Sátira dos ofícios*, transcrita ao lado, é um deles. Esse texto, que surgiu entre 2170 e 1750 a.C., relata os conselhos de Duaf-Kethy ao filho durante uma viagem, na tentativa de convencê-lo a frequentar a escola de escribas.

A partir da leitura do texto, descreva como
era a vida de um camponês no Antigo
Egito. Depois disso mostre como estava organi-
zada a sociedade.

O rio Nilo fornecia aos egípcios água para beber e boas condições para as lavouras, além de peixes e aves aquáticas, usados na alimentação. Em suas margens cresciam ainda diversas plantas, entre as quais, o papiro. Com essa planta, os egípcios fabricavam uma espécie de papel, que por isso ficou conhecido também como papiro.

O Nilo era tão fundamental para a sobrevivência dos egípcios que, em sua homenagem, foram feitos muitos hinos e orações, como a que segue:

Oração ao Nilo,

(...)

Salve, tu, Nilo!

Que te manifestas nesta terra

E vens dar vida ao Egito!

Misteriosa é a tua saída das trevas*

Neste dia em que é celebrada!

Ao irrigar os prados criados por Rá**,

Tu fazes viver todo o gado,

Tu — inescotável — que dás de beber

[à Terra!

Senhor dos peixes, durante a inundação,

Nenhum pássaro pousa nas colheitas.

Tu crias o trigo, fazes nascer o grão,

Garantindo a prosperidade aos templos.

Se paras a tua tarefa e o teu trabalho,

Tudo o que existe cai em inquietação.

(Extraído de: *Livros sagrados e literatura primitiva oriental*,
Tomo II. In: *Coletânea de Documentos Históricos para o 1º grau*.
São Paulo, CENP/Sec. de Est. da Educação, 1978, p. 55.)

8

* Nesse trecho, o poema faz referência às nascentes do rio Nilo.

** Rá é o nome de um dos principais deuses dos egípcios.

Para o agricultor egípcio, conhecer o ritmo das enchentes do Nilo era fundamental. Para acompanhar as intensidades das enchentes, os egípcios construíram sofisticados canais de irrigação.

Nesse sentido, a partir da oração transcrita acima, escreva um pequeno texto sobre a importância do rio Nilo para os egípcios.

O herói invencível

É um deus verdadeiro, que não tem igual (...)
É um bravo que age com o seu braço
Um homem de ações que não tem igual
Quando o vemos lançar-se contra os bárbaros
Ou quando inicia o combate.
É alguém que submete, que penaliza as mãos
Para que os inimigos não possam dispor-se
[a lutar (...)]

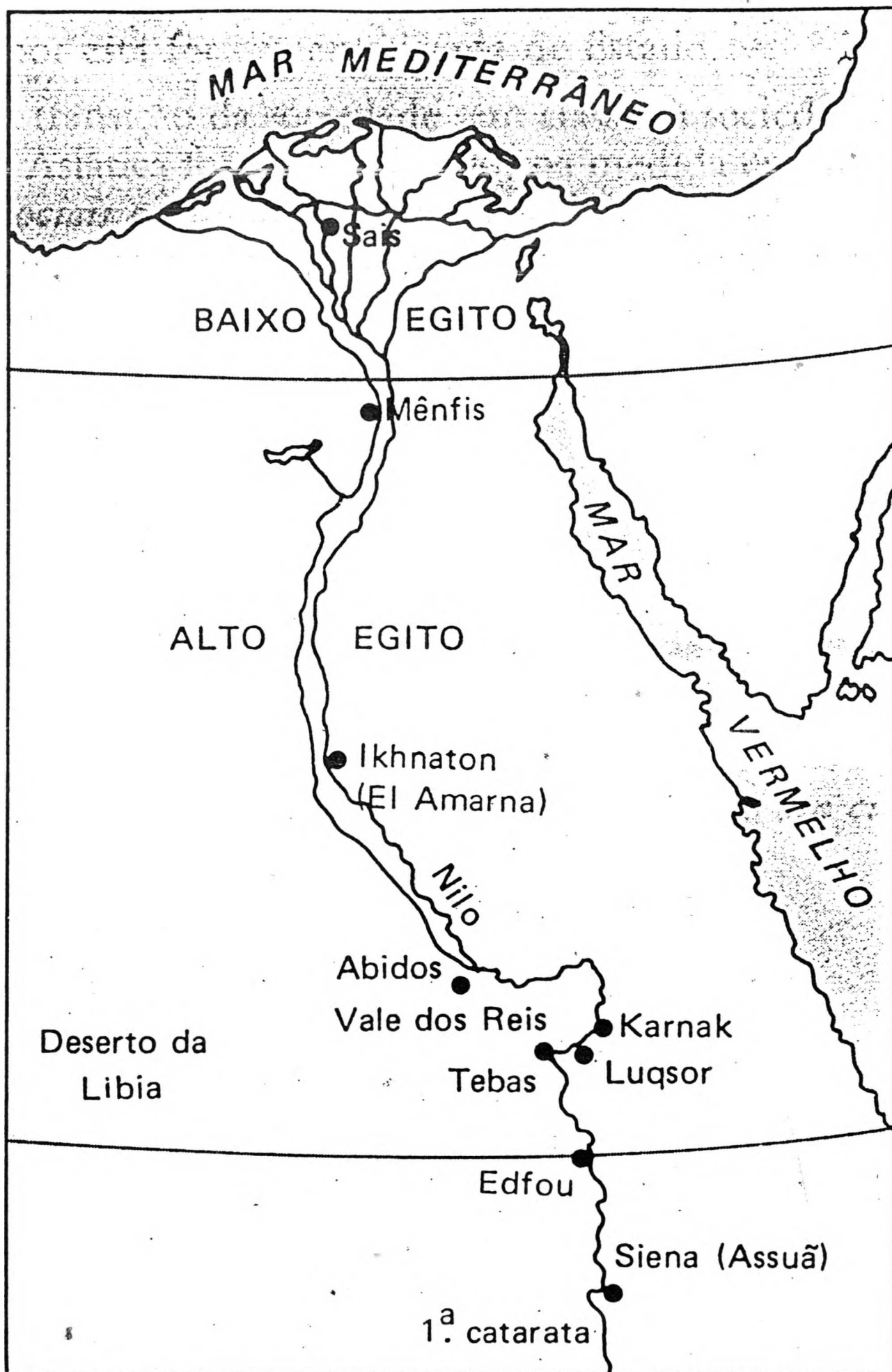
É um audaz quando enfrenta os orientais
A sua alegria é aprisionar os bárbaros
Agarra no escudo e pisa
Não repete o golpe, porque mata
Não há ninguém que possa afastar a sua seta
Ninguém que possa dobrar o seu arco
Os bárbaros fogem à sua frente
Como [se estivessem diante do] poder da
[grande deusa]

Não se cansa de combater, nada poupa, nada
[permanece.

("História de Simhe". In: Sérgio Donadoni, org.,
O homem egípcio. Lisboa, Presença, 1994. p. 142.)

No Egito Antigo, o faraó era personagem extremamente importante, considerado um *deus* na terra. Esse poema foi escrito durante o Médio Império (2100-1580 a.C.) para homenagear e glorificar o faraó Amenemhat I. Nessa época, o Egito passava por grande prosperidade, com a construção de obras públicas (canais e açudes, por exemplo) e a conquista de novos territórios.

A partir do poema, escreva um texto comentando as qualidades de um faraó mostradas pelo poema. Não deve de falar sobre a importância do faraó na sociedade egípcia.



Mapa do Egito Antigo.

Capítulo

6

MESOPOTÂMIA: TERRA ENTRE RIOS

Há milhares de anos, a região entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente Médio, era disputada por inúmeros povos.

Em tempos diferentes, sumérios, acádios, babilônios, assírios, entre muitos outros, lutaram para construir as suas cidades, seus templos, iniciar suas plantações.

Dessa disputa, originaram-se sociedades com grande poder. E também estruturas sociais, crenças

religiosas e saberes que até hoje são importantes para nós.

Mas o que fazia essa terra entre rios ser tão disputada? Que qualidades possuía para atrair tantos povos?

Numa época em que a dependência dos seres humanos em relação à natureza era determinante, dominar áreas férteis e repletas de possibilidades comerciais era, acima de tudo, uma questão de sobrevivência.



A Mesopotâmia era uma terra de fácil acesso. Diferente do Egito, onde o deserto servia como uma espécie de barreira natural aos povos que se aventuravam pela região. De certo modo, isso facilitou a presença de inúmeros povos, assim como a intensa disputa pela região. Mas o que de fato atraía era a fertilidade proporcionada pelas águas do Tigre e do Eufrates. Na imagem, vista atual da cidade de Bagdá, no Iraque, cortada pelas águas do rio Tigre.

1 A Mesopotâmia

A estreita faixa de terra compreendida entre os rios Tigre e Eufrates foi chamada, na Antiguidade, de Mesopotâmia, que significa "entre rios" (do grego, *meso* = no meio; *potamos* = rio). Essa região foi ocupada, entre 4000 a.C. e 539 a.C., por uma série de povos, que se encontraram e se misturaram, empreenderam guerras e dominaram uns aos outros, formando o que denominamos *povos mesopotâmicos*. *Sumérios, babilônios, hititas, assírios e caldeus* são alguns desses povos.

Hoje:

- na região onde se instalaram os povos mesopotâmicos localizam-se dois países: Iraque e Kuwait;
- Mesopotâmia é o nome da planície que abrange a bacia dos rios Tigre e Eufrates;
- o principal interesse econômico dessa região é o petróleo.

Confira essas informações em um atlas geográfico!

2 Os sumérios (4000 a.C.-1900 a.C.)

Foi nos pântanos da antiga Suméria que surgiram as primeiras cidades conhecidas na região da Mesopotâmia, como Ur, Uruk e Nipur.

Os povos da Suméria enfrentaram muitos obstáculos naturais. Um deles eram as violentas e irregulares cheias dos rios Tigre e Eufrates. Para conter a força das águas e aproveitá-las, construíram diques, barragens, reservatórios e também canais de irrigação, que conduziam as águas para as regiões secas.

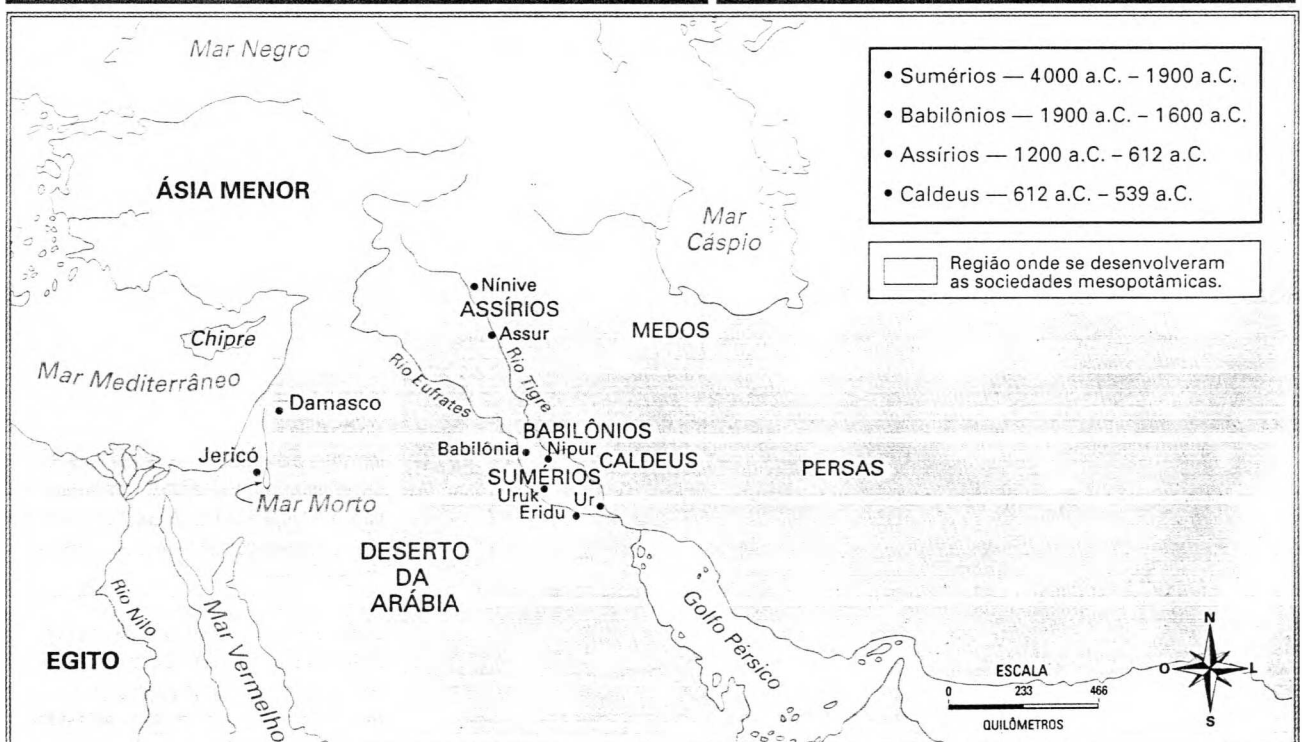
Atribui-se aos sumérios o desenvolvimento de um tipo de escrita, chamada cuneiforme, que, inicialmente, foi criada para registrar transações comerciais. (Na mesma época, outro tipo de escrita, a hieroglífica, desenvolvia-se no Egito.)

Os registros eram feitos em uma placa de argila mole. Utilizava-se para isso um estilete, que tinha uma das pontas em forma de cunha, daí o nome de *escrita cuneiforme*. Nesse sistema de escrita, cada sinal representava um objeto ou uma idéia, dificultando a representação de sentimentos, ações e idéias abstratas. Com o tempo, os sinais pictóricos converteram-se em um sistema de sílabas.



Caracteres cuneiformes gravados na Suméria, por volta de 3200 a.C.

Sociedades mesopotâmicas



Os povos da Suméria destacaram-se também nos trabalhos em metal, na lapidação de pedras preciosas e na escultura. A construção característica desse povo é o *zigurate*, depois copiado pelos povos que se sucederam na região. Era uma torre em forma de pirâmide, composta de sucessivos terraços e encimada por um pequeno templo.

Os sumérios eram politeístas e faziam do culto aos deuses uma das principais atividades a desempenhar na vida. Quando interrompiam as orações, deixavam estatuetas de pedra diante dos altares para rezarem em seu nome.

Dentro dos templos havia oficinas para artesãos, cujos produtos contribuíram para a prosperidade da Suméria.

Os sumérios merecem destaque também por terem sido os primeiros a construir veículos com rodas.

A unificação das cidades

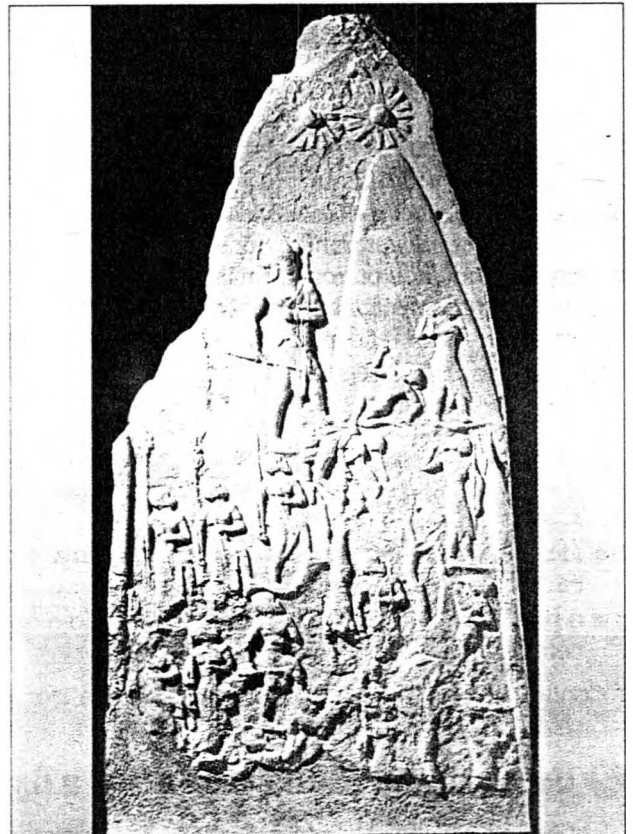
As cidades sumérias eram autônomas, ou seja, cada qual possuía um governo independente. Apenas por volta de 2330 a.C., essas cidades foram unificadas.

O processo de unificação ocorreu sob o comando do rei Sargão I, da cidade de Acad. Surgiu assim o primeiro império da região.

O império construído pelos acades não durou muito. Pouco mais de cem anos depois, foi destruído por povos inimigos.

3 Os babilônios (1900 a.C.-1600 a.C.)

Os babilônios estabeleceram-se ao norte da região ocupada pelos sumérios e, aos poucos, foram conquistando diversas cidades da região mesopotâmica. Nesse processo, destacou-se o rei Hamurabi, que,



O império dos acades foi ampliado paulatinamente pelos sucessores de Sargão I. Na imagem, a Estela de Naramsin, confeccionada entre 2254 e 2216 a.C. Ela representa a vitória de Naramsin, um governante de Acad, contra o povo lulubis. Para simbolizar a vitória e o poder do soberano, a sua imagem foi colocada no topo, acima da representação do povo conquistado.

por volta de 1750 a.C., havia conquistado toda a Mesopotâmia, formando um império com capital na cidade de Babilônia.

Hamurabi impôs a todos os povos dominados uma mesma administração. Ficou famosa a sua legis-



No final do século XIX, descobertas arqueológicas e a decifração da escrita cuneiforme babilônica possibilitaram conhecer um pouco mais a história desse povo. Até então, a imagem que se tinha da Babilônia era um pouco distorcida.

Um exemplo disso é esse quadro — *O mercado nupcial babilônica*, de Edwin Long —, pintado no século XIX. O artista baseou-se no relato do historiador grego Heródoto. Mas pintou o fundo do quadro com símbolos pertencentes aos assírios, e não aos babilônios.

lação, baseada no princípio de talião (olho por olho, dente por dente, braço por braço, etc.). O Código de Hamurabi, como ficou conhecido, é um dos mais antigos conjuntos de leis escritas da história.

A partir dos conhecimentos adquiridos com os sumérios, os babilônios desenvolveram um calendário e o relógio de sol. Babilônia, a capital do império, tornou-se uma cidade próspera e rica.

Após a morte de Hamurabi, o Império Babilônico foi invadido e ocupado por povos vindos do norte e do leste.

4 Os hititas (1600 a.C.-1200 a.C.)

Os hititas estabeleceram-se no centro da Ásia Menor, em uma região próxima da Mesopotâmia. Daí, estenderam seus domínios até a Síria e chegaram a conquistar a Babilônia.

Hoje:

- a Ásia Menor chama-se península da Anatólia e aí localiza-se a maior parte do território da Turquia.

Provavelmente, a localização de sua capital, Hatusa, no centro da Ásia Menor, contribuiu para o controle das fronteiras do Império Hitita.

Essa sociedade legou-nos os mais antigos textos escritos em língua indo-européia. Essa língua deu origem à maior parte dos idiomas falados na Europa. Os textos tratavam de história, política, legislação, literatura e religião e foram gravados em sinais cuneiformes sobre tabuinhas de argila.



Representação imaginária da batalha de Kadesh, na qual os hititas lutaram contra os egípcios utilizando carros de guerra cujas rodas tinham raios.

Os hititas utilizavam o ferro e o cavalo, o que era uma novidade na região. O cavalo deu maior velocidade aos carros de guerra, construídos não mais com rodas cheias, como a dos sumérios, mas rodas com raios, mais leves e de fácil manejo.

O exército era comandado pelo rei, que também tinha as funções de juiz supremo e sacerdote. Na sociedade hitita, as rainhas dispunham de relativo poder.

Em torno de 1200 a.C., os hititas foram dominados pelos assírios, que, contando com exércitos permanentes, tinham grande poderio militar.

5 Os assírios (1200 a.C.-612 a.C.)

Os assírios habitavam a região ao norte da Babilônia e por volta de 729 a.C. já haviam conquistado toda a Mesopotâmia.

O Código de Hamurabi

○ Código de Hamurabi é bem diferente de nossos códigos atuais. Ele não era válido para todo o Império e os juízes não eram obrigados a segui-lo no exercício de sua profissão.

Ele foi elaborado para exaltar a figura de Hamurabi, mostrar a toda a população sua justiça e bondade.

Muitas das leis nele reunidas faziam parte das longas tradições dos povos dominados no Império.

De maneira geral, o princípio do Código era o da reparação, isto é, infligia-se ao culpado um castigo idêntico ao dano sofrido pela vítima. Se uma casa

vinha abaixo, esmagando seu proprietário, o construtor era condenado à pena capital; quebrar um braço ou perna de outrem era expor-se a ter a perna ou o braço quebrado por autoridade judiciária. Se um homem matava uma mulher, a filha do assassino era também morta.

Ao longo dos anos, a reparação foi substituída pela compensação. As penalidades que atingiam os ricos e os nobres eram mais severas que as que sancionavam os delitos cometidos pelos pobres.

(Informações do texto retiradas de: Ivar Lissner. *Assim viviam nossos antepassados*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1968. p. 37.)

Guerreiros conhecidos por sua violência, os assírios conquistaram ainda outras regiões, constituindo um vasto império cuja capital foi ora Ninive, ora Assur.

A violência com que os assírios tratavam os vencidos pode ser deduzida das palavras de Assurbanipal, um de seus reis:

“Construí uma torre de sustentação encostada à porta da cidade e esfolei todos os maiores... E revesti a torre com suas peles; alguns, eu emparedei dentro da torre; a outros, empalei em estacas sobre a torre... e cortei os membros dos seus oficiais... Muitos dos prisioneiros eu queimei em fogo; a alguns, eu cortei a cabeça e os dedos; a outros, cortei o nariz e as orelhas... e de muitos eu arranquei os olhos... Aos mancebos e às moças, lancei na fogueira...”

(*A Mesopotâmia*. Biblioteca de História Universal Life. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p. 55.)

Devido a esse tipo de dominação, os assírios enfrentavam constantes revoltas, que acabaram provocando uma crise no império. Por fim, os assírios não resistiram à pressão exercida por povos inimigos e acabaram derrotados em 612 a.C.

6 Os caldeus (612 a.C.-539 a.C.)

Com a destruição do Império Assírio, os caldeus estabeleceram sua supremacia na Mesopotâmia, formando um novo império. Esse império ficou conhecido como *Neobabilônico* ou *Segundo Império Babilônico*. Seu mais importante soberano foi Nabucodonosor.

Em 587 a.C., Nabucodonosor conquistou Jerusalém. Além de estender seus domínios, foram feitos muitos escravos entre os habitantes de Jerusalém. Seguiu-se então um período de prosperidade material, quando foram construídos grandes edifícios com tijolos coloridos.

Em 539 a.C., Ciro, rei dos persas, apoderou-se de Babilônia e transformou-a em mais uma província de seu gigantesco império.

7 A organização social dos mesopotâmios

Sumérios, babilônios, hititas, assírios, caldeus. Entre os inúmeros povos que habitaram a Mesopotâmia existiam diferenças profundas. Os assírios, por exemplo, eram guerreiros. Os sumérios dedicavam-se mais à agricultura.



Baixo-relevo com a representação do rei assírio Assurbanipal (668-627 a.C.) lutando contra um leão.

Apesar dessas diferenças, é possível estabelecer pontos comuns entre eles, no que se refere à organização social, à religião e à economia. Vamos conhecê-las.

A sociedade

A sociedade mesopotâmica, nos períodos descritos, era formada por sacerdotes, aristocratas, militares, comerciantes, artesãos, camponeses e escravos. Havia funções privilegiadas, exercidas sobretudo pelos sacerdotes. Mesmo entre eles, no entanto, assim como entre os militares e os aristocratas, havia pessoas mais privilegiadas que outras. Muitos artesãos se destacavam graças a suas apuradas habilidades. Os escravos eram minoria entre os trabalhadores.

Na Mesopotâmia havia um entrelaçamento entre política e religião. Os reis exerciam as funções de sumo sacerdote, supremo juiz e comandante militar. Eram considerados representantes dos deuses na Terra; e responsáveis por intermediar as relações entre os indivíduos e os deuses. Dessa crença vinha todo o seu poder.

A religião

Os povos mesopotâmicos eram politeístas, isto é, adoravam diversas divindades, e acreditavam que elas eram capazes de fazer tanto o bem quanto o mal. As divindades representavam os elementos da natureza, como o vento, a água, a terra, o sol, etc.

Cada cidade tinha um deus próprio, e, quando uma alcançava predomínio político sobre as outras, seu deus também era cultuado nas áreas dominadas. No tempo de Hamurabi, por exemplo, o deus Marduc, da Babilônia, era adorado em quase toda a região da Mesopotâmia.

A divindade feminina mais importante era Ishtar, deusa da natureza e da fecundidade.

A prática de adivinhação também fazia parte da crença religiosa.

A deusa Ishtar, na forma de Astarte, divindade que simbolizava a natureza e a fertilidade, era representada despida.



Política e economia

Nas sociedades mesopotâmicas, o rei era considerado um representante dos deuses. A autoridade do rei estendia-se a todas as cidades. Ele era auxiliado por ministros, sacerdotes e funcionários. Legislava em nome das divindades, assegurava as práticas religiosas, zelava pela defesa de seus domínios e regulamentava a economia.

As principais atividades econômicas da Mesopotâmia eram a agricultura e o comércio. Os povos mesopotâmicos desenvolveram também a tecelagem e o artesanato, fabricando armas, jóias e objetos de metal.

A vida nômade, em caravanas, foi uma das características dos povos mesopotâmicos. Os comerciantes andavam em grupos, levando seus produtos às regiões mais distantes. Dessas terras traziam as matérias-primas que faltavam na Mesopotâmia, como o marfim da Índia, o cobre de Chipre e a madeira do Líbano.



Foto atual de caravanas de nômades no Iraque.

8 O legado dos povos mesopotâmicos

Herdamos dos povos mesopotâmicos vários elementos de nossa cultura. Vejamos alguns:

- o ano de 12 meses e a semana de 7 dias;
- a divisão do dia em 24 horas;
- a crença nos horóscopos e os doze signos do zodíaco;
- o hábito de fazer o plantio de acordo com as fases da Lua;
- a circunferência de 360 graus;
- o processo aritmético das operações matemáticas: multiplicação, divisão, soma e subtração, além de raiz quadrada e cúbica.

A vida cotidiana na Mesopotâmia

Escravos e pessoas de condições mais humildes levavam o mesmo tipo de vida. A alimentação era muito simples. pão de cevada, um punhado de tâmaras e um pouco de cerveja leve. Isso era a base do cardápio diário. Às vezes comiam legumes, lentilha, feijão e pepino ou, ainda, algum peixe pescado nos rios ou nos canais. A carne era um alimento raro.

Na habitação, a mesma simplicidade. Às vezes a casa era um simples cubo de tijolos crus, revestidos de barro. O telhado era plano e feito com troncos de palmeiras e argila comprimida. Esse tipo de telhado

tinha a desvantagem de deixar passar a água nas chuvas mais torrenciais, mas em tempos normais era usado como terraço.

As casas não tinham janelas e à noite eram iluminadas por lampiões de óleo de gergelim. Os insetos eram abundantes nas moradias.

Os ricos se alimentavam melhor e moravam em casas mais confortáveis que os pobres. Mesmo assim, quando as epidemias se abatiam sobre as cidades, a mortalidade era a mesma em todas as camadas sociais.

A história em debate

Discutindo o capítulo

- 1 Em grego, Mesopotâmia quer dizer *entre rios*. Observe o mapa dessa região na página 47 e dê sua opinião sobre o motivo de os gregos terem chamado assim esse território.
- 2 A Mesopotâmia foi uma terra disputada por muitos povos, como assírios, hititas e sumérios. Releia o capítulo e elabore uma linha do tempo com os principais acontecimentos de cada povo da Mesopotâmia.
- 3 Releia a parte do capítulo que trata da organização social dos povos da Mesopotâmia. Faça um resumo

e depois compare a vida das camadas mais baixas da sociedade com a das camadas mais altas.

- 4 Ao longo do tempo, o ser humano desenvolveu conhecimentos sobre si próprio e a natureza que o rodeia. Em parte, isso resultou em objetos e regras que procuram facilitar a vida em sociedade. Para isso, colaborou a troca de experiências e conhecimentos entre diferentes povos. Dê sua opinião sobre essa afirmação, tendo como base as sociedades mesopotâmicas.



Oficina da história

O Código de Hamurabi

Se um homem roubou o tesouro de Deus ou do palácio, este homem será morto, e aquele que recebeu o objeto roubado pela sua mão [o receptor] será morto.

Se um homem roubou seja um boi, carneiro, asno, porco ou uma barca, se [for propriedade] de um deus, de um palácio, ele dará até trinta vezes, se [for] de um *muskenum** ele devolverá até 10 vezes, se o ladrão não tiver como pagar, ele será morto.

(Citado em: Jaime Pinsky. *100 textos de história antiga*. São Paulo. Contexto. 1998. p. 141-2.)

O *Código de Hamurabi* é um dos conjuntos de leis mais antigos da história. Foi elaborado na Babilônia, por volta de 1700 a.C., pelo rei Hamurabi.

Ao contrário de nossos atuais códigos de leis, seu objetivo não era estabelecer o que todos podiam ou não fazer na Babilônia. Em cada região do império vigorava uma lei diferente. Os juizes, tampouco, eram obrigados a consultar o código para dar suas sentenças.

O principal objetivo do código era enaltecer a figura do rei. Logo em sua introdução, Hamurabi declara-se escolhido pelos deuses "para fazer surgir justiça na terra, para eliminar o mau e o perverso, para que o forte não oprima o fraco".

Na elaboração do código foi utilizado muito da tradição dos povos da Mesopotâmia. Por isso, ele é importante para se conhecer a sociedade da Babilônia.



Com a orientação de seu professor, faça uma pesquisa para saber mais sobre Hamurabi e seu código, inclusive outras situações e suas respectivas punições.



Depois, reunido com um grupo de colegas, imagine e escreva um diálogo entre Hamurabi e pessoas que tenham violado seu código. Procure mostrar como as penas variavam conforme a posição social da vítima. Ao final, apresente o diálogo feito pelo grupo aos outros colegas da classe, por meio de uma dramatização.



Nosso mundo hoje

Às margens do rio Solimões

Para chegar a Tauana e a Lauro Sodré, localidades ribeirinhas, a Folhinha viajou de lancha pelo rio Solimões. Do meio do rio, dá para ver mulheres trabalhando nas varandas de casas flutuantes e crianças brincando.

Sobrevoando Coari, cidade do Amazonas, há rio e floresta na paisagem. O rio tortuoso entra pela ma-

ta estreita e depois se alarga, transforma-se no rio Mar. como o rio Amazonas é também conhecido.

*Muskenum: indivíduo situado socialmente entre a pessoa livre e o escravo

Coari fica a cerca de 640 quilômetros de Manaus, às margens do rio Solimões. Só dá para ir até lá de barco ou avião.

A Folhinha visitou o município e duas localidades ribeirinhas (às margens do rio), para conhecer como vivem as crianças de Coari.

(...)

As crianças nadavam quando chegamos a Lauro Sodré. Subimos um barranco e chegamos à praça de uma pequena vila, com casas de madeira, algumas de tijolos, uma igreja e ruas de barro.

As crianças contaram que estudam e trabalham em casa e na roça com os pais.

Jogar futebol é a principal diversão. Os meninos disseram que pescam piranambu e surubim.

As meninas gostam de brincar de boneca e fazer comidinha.

(...)

Os peixes comuns nos rios do Amazonas são piranha, pirarucu, tambaqui, tucunaré, pacu, curimatã. A comida preferida das crianças entrevistadas em Coari é peixe, que todo mundo no Amazonas come com molho de pimenta e farinha.

As crianças disseram que preferem comer pirarucu, tambaqui e surubim.

Mesmo apreciando as frutas que vêm de São Paulo, todo mundo disse que adorava açaí e cupuaçu.

A pupunha é um fruto que é comido cozido, com café.

(Adaptado do jornal *Folhinha*, 24.10.1998. Suplemento da *Folha de S. Paulo*.)

Assim como no Egito, a vida na Mesopotâmia dependia em grande parte das águas de um rio. Eram as cheias do Tigre e do Eufrates que geravam as condições necessárias para a produção de alimentos. As enchentes desses rios eram mais fortes do que as existentes na região do Nilo, o que obrigava os povos da Mesopotâmia a construir suas casas em lugares mais altos. Além desse, muitos outros hábitos estavam relacionados à presença dos rios, como a alimentação e o lazer.

Viver nas proximidades de um rio não é coisa do passado. Aqui no Brasil, centenas de pequenas comunidades estão localizadas às margens de rios como o Amazonas e o São Francisco; e desses rios retiram sua sobrevivência. Grandes cidades também têm a sua porção de água. São Paulo e Teresina, por exemplo, se desenvolveram às margens dos rios Tietê e Parnaíba, respectivamente.



Em grupos e com a orientação de seu professor e o de geografia, escolha um grande rio brasileiro (Amazonas ou São Francisco, por exemplo) e faça uma pesquisa para saber como vivem as pessoas nas suas margens. Com o material pesquisado, monte um mural em sala de aula.



Fazendo a síntese

Localize no texto deste capítulo as frases em que aparecem as palavras *sociedade* e *império*. Depois da leitura atenta de todas as frases que você destacou, escreva em

seu caderno o que você entendeu por *sociedade* e *império*. Troque seu caderno com um colega e discuta com ele suas conclusões.

Textos e contextos

A escrita

A escrita desempenhou e desempenha um papel muito importante na história da humanidade. Este texto mostra como surgiu e como se desenvolveu a escrita na Mesopotâmia.

Nenhuma outra realização contribuiu tanto como o desenvolvimento da escrita para dar à vida das pessoas o fulgor da sociedade. (...) As primeiras palavras escritas foram pictógrafos usados pelos sumérios para assentar inventários. Com o correr do tempo, os escribas transformaram esses toscos símbolos numa escrita complexa, capaz de exprimir idéias abstratas. Tão desenvolvida se tornou essa escrita, empregando mais de 700 sinais diferentes, que

a sua aprendizagem requeria anos de estudo, e os escribas passaram a ser profissionais especializados e respeitados. (...)

A escrita desenvolveu-se na Mesopotâmia pela necessidade prática de manter assentamentos. Um dos mais antigos exemplos que se conhecem do sumeriano escrito são marcas em pequenas placas de argila que eram presas como etiquetas de embarque às sacas de cereal e outros produtos agrícolas. Nas etiquetas havia

a gravação de desenhos simplificados conhecidos como pictógrafos, que registravam a quantidade e o tipo de material contido nas sacas. Os homens ricos da Suméria que possuíam grandes celeiros de cereal e rebanhos de animais usavam, para anotar os seus pertences, placas maiores, em que se inscreviam colunas de pictógrafos.

Considerações de ordem prática também determinaram os instrumentos e deram forma aos símbolos da escrita. As placas eram feitas de argila, a matéria-prima mais abundante na Mesopotâmia. (...) Já no terceiro milênio a.C., os escribas sumerianos começaram a modificar esta técnica para escrever mais rapidamente e de modo legível. Deitando as placas e escrevendo em fileiras horizontais, evitavam borrar o texto com as mãos — um acidente aborrecido, fácil de suceder ao escrever-se em colunas verticais; resultava daí que os pictógrafos apareciam de forma enviesada e eram lidos da esquerda para a direita, de cima para baixo. O estilete pontiagudo, que deixava riscos imprecisos na argila úmida, foi substituído por outro estilete de extremidade triangular, que era fincado na

argila em vez de riscá-la, deixando uma série de impressões nítidas em forma de cunha.

Com essas inovações, os pictógrafos mudaram de feição; não mais desenhando objetos, transformaram-se em símbolos abstratos, uma espécie de taquigrafia primitiva. Daí resultou o sistema de escrita conhecido como cuneiforme (a palavra latina para “em forma de cunha”), que caracterizou a cultura da Mesopotâmia nos anos que se seguiram.

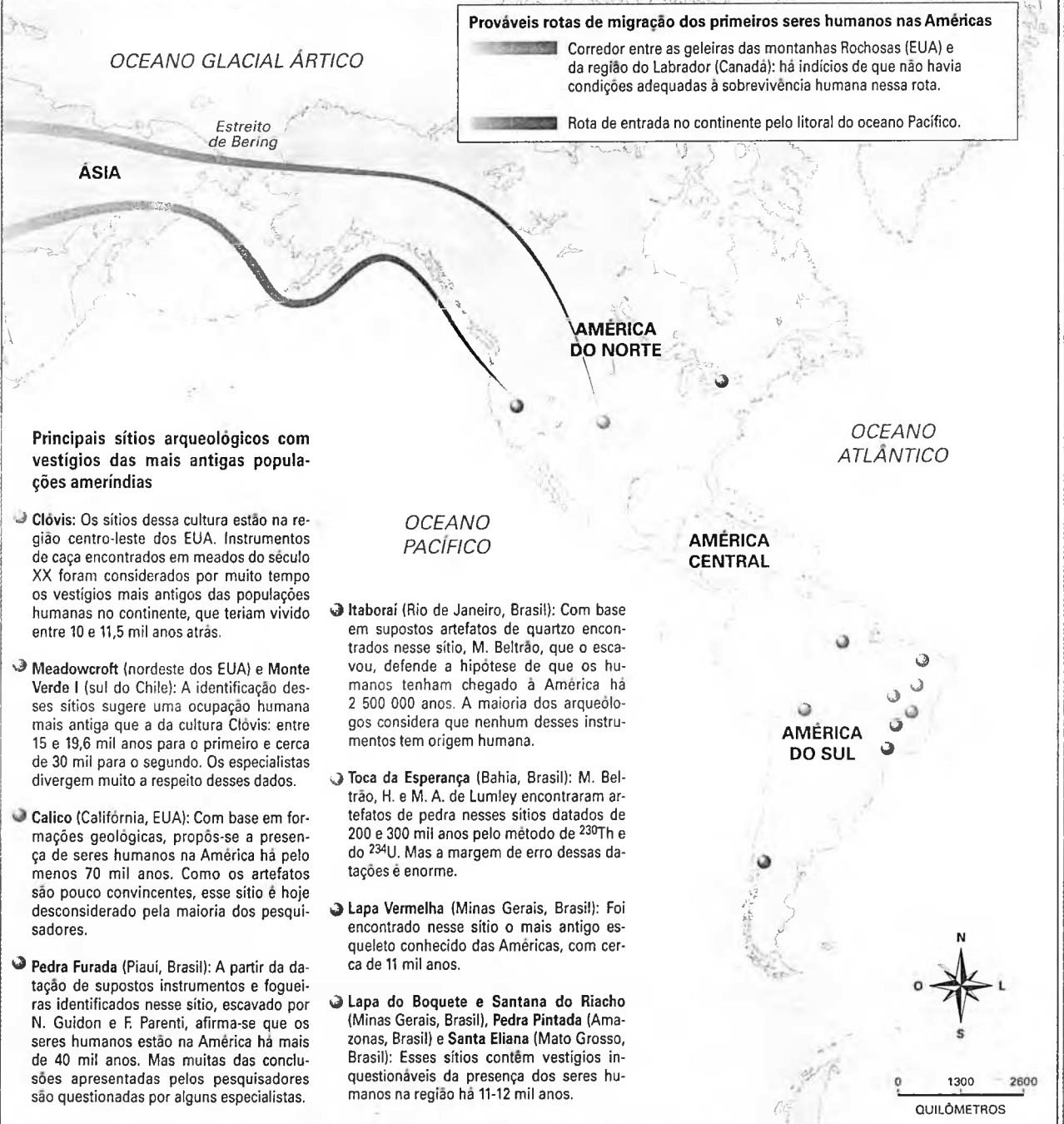
(*A Mesopotâmia*. Biblioteca de História Universal Life. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, p. 135-7.)

ATIVIDADES SOBRE O TEXTO

- 1 O que levou os sumérios a desenvolver a escrita?
- 2 Como eram os mais antigos exemplos do sumeriano escrito?
- 3 Em que consistia o sistema de escrita conhecido como cuneiforme?

Observe e analise o mapa com os principais sítios arqueológicos e teorias sobre a ocupação da América.

POVOAMENTO DAS AMÉRICAS: UM DEBATE SEM FIM



A HISTÓRIA EM DEBATE

Saber quando a humanidade iniciou a ocupação da América não é tarefa fácil. Os primeiros grupos humanos não tinham a preocupação de registrar os acontecimentos de sua vida. E mesmo os vestígios de suas atividades foram em quase sua totalidade destruí-

dos pelo tempo. Mas, brinquemos de detetives: releia as informações contidas neste mapa e interprete-as como se fossem pistas. Depois, escreva uma redação reconstituindo, de acordo com seu ponto de vista, o início da ocupação da América pelos seres humanos.



Fazendo a síntese

É certo que o território brasileiro foi ocupado há milhares de anos. Se ainda não é possível ter certeza da data, podemos saber, pelos vestígios, que ao longo desse tempo surgiram povos com características muito diferentes. Releia

o capítulo, desenhe o mapa do Brasil e localize nele os principais sítios arqueológicos brasileiros. Não esqueça de fazer um texto explicando o seu mapa.

Textos e contextos

A primeira brasileira

A reconstituição de um crânio de 11500 anos, o mais antigo da América, revoluciona as teorias sobre a ocupação do continente.

Luzia era uma mulher baixa, de apenas 1,50 metro de altura. Comparada aos seres humanos atuais, tinha um aspecto físico relativamente modesto para seus 20 e poucos anos de idade. Sem residência fixa, perambulava pela região onde hoje está o Aeroporto Internacional de Confins, nos arredores de Belo Horizonte, acompanhada de uma dúzia de parentes.

Não sabia plantar um pé de alface sequer e vivia do que a natureza agreste da região lhe oferecia. Na maioria das vezes se contentava com os frutos das árvores baixas e retorcidas, uns coquinhos de palmeira, tubérculos e folhagens. Em ocasiões especiais, dividia com seus companheiros o pedaço de carne de algum animal que conseguia caçar.

Eram tempos difíceis aqueles, e Luzia morreu jovem. Foi provavelmente vítima de um acidente ou do ataque de um animal, e não teve direito nem mesmo a sepultura. O corpo ficou jogado, enquanto o grupo seguia em sua marcha errante pelo cerrado mineiro.

Durante 11500 anos, Luzia permaneceu num buraco, coberta por quase 13 metros de detritos minerais. Agora, passados mais de 100 séculos, a mais antiga habitante do território brasileiro está emergindo das profundezas de um sítio arqueológico para a notoriedade do mundo científico.

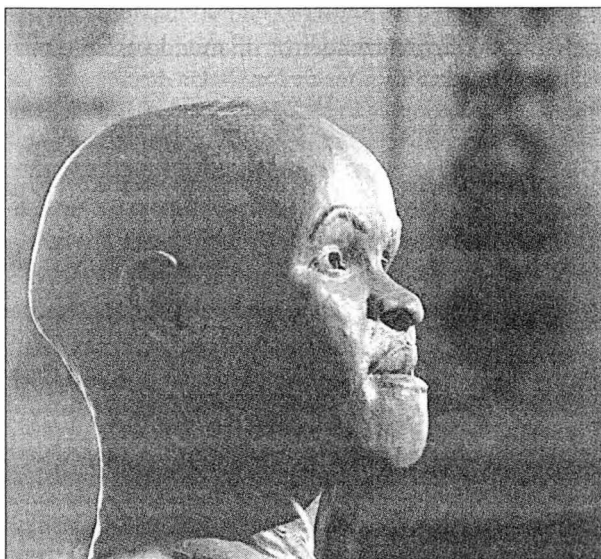
Desenterrado em 1975, o crânio de Luzia é o mais antigo fóssil humano já encontrado nas Américas. Transportado de Minas Gerais para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, permaneceu anos esquecido entre caixas e refugos do acervo da instituição.

Foi ali que o arqueólogo Walter Neves, da Universidade de São Paulo, USP, o encontrou alguns anos atrás. Ao estudá-lo, fez descobertas surpreendentes. Os traços anatômicos de Luzia nada tinham em comum com o de nenhum outro habitante conhecido do continente americano. A medição dos ossos revelou

um queixo proeminente, crânio estreito e longo e faces estreitas e curtas.

De onde teria vindo Luzia? Seria ela remanescente de um povo extinto, que ocupou a América há milhares e milhares de anos e acabou dizimado em guerras ou catástrofes naturais?

A hipótese de Walter Neves acaba de ser reforçada por um trabalho feito na Universidade de Manchester, na Inglaterra. Com a ajuda de alguns dos mais avançados recursos tecnológicos, os cientistas ingleses reconstituíram pela primeira vez a fisionomia de Luzia. O resultado é uma mulher com feições nitidamente negróides, de nariz largo, olhos arredondados, queixo e lábios salientes. Estas são características que a fazem muito mais parecida com os habitantes de algumas regiões da África e da Oceania do que com os atuais índios brasileiros.



Este é o rosto de Luzia, a mais antiga habitante da América que conhecemos. Ele foi reconstituído por pesquisadores da Universidade de Manchester, na Inglaterra.